

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

EM BUSCA DA VIDA VIVIDA

O conto como (re) construtor de memórias: do educador de
Infância e da criança do 2/3 anos

Rute Maria Garcia Coelho

Relatório Final realizado no âmbito da
Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Lisboa

Julho de 2013

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

EM BUSCA DA VIDA VIVIDA

O conto como (re) construtor de memórias: do educador de
Infância e da criança do 2/3 anos

Rute Maria Garcia Coelho

Relatório Final realizado no âmbito da
Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Ano Letivo 2012/2013

Lisboa, 8 de Julho de 2013

EPÍGRAFE

“O passado interessa no que ele nos pode comunicar de inspiração e estímulo para os novos caminhos que estamos a traçar. Devemos manter-nos fiéis às raízes, considerando-as um desafio para a construção do presente donde depende o futuro.”

Maria Ulrich, 1952 (cit em Alves,
s.d:110)

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos e marido, Nuno, Edgar, Francisco e Nuno, obrigada por existirem... simplesmente...por existirem...

Ao Tintim, e à Káka por serem os gatos mais queridos e ronronos que algum dia imaginei ter...

AGRADECIMENTOS

Para a elaboração deste relatório final foi necessário percorrer um trilha que nem sempre se revelou tarefa fácil. Apesar de individual, nunca o teria conseguido sem o apoio e ajuda de, professores, colegas, amigos, dos quais não me esqueço, mas que em breves palavras, é difícil referir todos. Por isso, agradeço a todos os que me apontaram o caminho a tomar, e agradeço especialmente aos que me indicaram o caminho a não seguir, todos que participaram da minha vida até ao momento presente, pois todos eles, de uma forma ou de outra fizeram-me crescer, deram-me algo precioso, a sua amizade, algo que recordarei e pelo qual ficarei para sempre grata.

À Escola Superior de Educadores de Infância, por me ter guiado pelo caminho da educação de infância.

À Élia e à Natércia, pela paciência infinita, no centro de documentação, sempre disponíveis de sorriso aberto.

Ao meu amigo e colega Marco Duarte, pela partilha de conhecimentos, de risos, de reclamações mil, pela força motor nos momentos mais difíceis deste percurso da minha vida.

À minha primeira orientadora de estágio Dra. Helena Mota, pela força, humor, por ter lançado as fundações daquilo que sou hoje enquanto profissional e enquanto pessoa.

À minha orientadora de estágio Mestre Teresa Meireles pelos momentos de aprendizagem.

No final deste trabalho, dirijo uma palavra muito especial à minha orientadora e professora, Professora Joanhina Duarte a quem tenho que expressar o meu agradecimento acima de tudo por (re) acender em mim o prazer pelo conto popular e ainda por me ajudar a desmoitar o território da escrita, desbravando caminhos e esclarecendo as mil dúvidas que foram surgindo ao longo deste percurso, tendo sempre presente uma atitude de profissionalismo e rigor

científico partilhada com muito humor e boa disposição. À minha Professora agradeço ainda por ser uma professora invulgar.

À minha família que muito pacientemente me deu força e ânimo, e esperou que eu regressasse de muitas ausências sentidas.

RESUMO

O presente relatório de estágio desenvolveu-se no âmbito da unidade curricular de prática de ensino supervisionada, - PES- tendo por finalidade a obtenção do grau de mestre em educação pré-escolar. Corresponde à descrição de um trabalho desenvolvido num contexto de creche inserido no meio rural, com um grupo de crianças de 2 e 3 anos de idade. O *corpus* aqui apresentado, a pretexto de demonstrar a importância da reconstrução da memória do educador apresenta respostas claras a estas e outras questões que se foram colocando ao longo do relatório.

A memória levanta questões teóricas e epistemológicas particulares. Num mundo tão breve como aquele em que vivemos, são as nossas memórias, usos e costumes, o que legamos para as gerações vindouras.

A identidade de uma sociedade constrói-se no reconhecimento de pertença, recorrendo a um passado distante. É através da história da nossa existência, da nossa vida e das gerações anteriores que se estabelecem as linhas guia entre presente e passado.

Desta forma, afigura-se como primeira virtude dos contos populares a de fazer reavivar na memória da criança uma cultura esquecida e perdida.

A pertinência deste relatório é o de mostrar que a salvaguarda da memória de um povo e por conseguinte dos contos populares está ligada á escola, á criança, ao educador, pois este é (ou devia ser) o guardião de tempos idos

Palavras-chave: Memória, Criança, Conto Popular, Educador, Relação

ABSTRAT

This internship report was developed within the course of supervised teaching practice - PES-being intended to obtain a master's degree in preschool education. Matches the description of a work in a context of childcare inserted in the countryside with a group of children aged 2 and 3 years old.

The corpus presented here, on the pretext of showing the importance of the reconstruction of the memory of the educator presents clear answers to these and other questions that were put throughout the report.

The memory raises theoretical and epistemological individuals. In a world as soon as one in which we live, are our memories, habits and customs, which bequeath to future generations.

The identity of a society built on the recognition of belonging, using a distant past. It is through the history of our existence, of our life and of previous generations who establish guide lines between past and present.

Thus, it appears as the first virtue of folktales to revive the memory of the child in a culture forgotten and lost.

The relevance of this report is to show that the protection of the memory of a people and therefore of folktales is linked to school, for the child, the teacher, as this is (or should be) the guardian of bygo

Keywords: Memory, Child, Tale, Educator, Relationship

ÍNDICE

Epígrafe.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstrat.....	vi
Índice de Anexos.....	ix
Índice de Tabelas.....	x
Introdução.....	1
Capítulo I - Quadro Teórico.....	6
1.O Nascimento Da Memória Como Futuro Da Evolução- Conceção De Memória.....	6
1.1.Memória Em Mutação.....	6
1.1.1.Memória Individual E Memória Coletiva.....	7
1.2. Efabulando A Vida- Construção do Conhecimento e da Relação.....	8
1.2.1.Caracterização Da Criança Dos 2/3 Anos.....	11
2.Resgatando A Memória- O Conto Popular.....	12
2.1.Em Torno Da Palavra (Re) Contada- Literatura Infantil.....	15
2.2.Magia E Identificação - O Valor Pedagógico Do Conto Popular.....	17
3.À Procura De Um Modelo - Conceção De Educador.....	19
3.1.Ler E (Re) Ler - Os Contos E O Gosto Pela Leitura.....	20
3.2.O Contributo Dos Educadores Na Transmissão Do Conto Popular.....	21
Capítulo II: Metodologia De Pesquisa.....	22
1.Uma Opção De Escolha- Metodologia Qualitativa / Interpretativa.....	22

1.1.Técnicas De Recolha De Dados.....	24
1.1.1.Observação Direta E Participante – Notas De Campo.....	24
1.1.2.Pesquisa Documental.....	25
1.1.3.Reconstrução Da Memória - Entrevistas Biográficas.....	25
1.2.Procedimentos.....	26
1.3.Cronograma.....	27
Capítulo III: Análise Interpretativa Dos Dados	29
1.Os Primeiros Tempos.....	29
1.1.Entrelaçando os Significados.....	33
1.1.1.Representações Simbólicas Que Solucionam Problemas... ..	36
Considerações Finais	38
Referências Bibliográficas.....	40
Webgrafia.....	41
Anexos	

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Biografia: Educadora Ana

Anexo 2 - Guião Da 1ª Entrevista Feita À Educadora De Infância

Anexo 3 - Guião Da 2ª Entrevista Feita À Educadora De Infância

Anexo 4 - Transcrição Da 1ª Entrevista À Educadora Ana Clara

Anexo 5 - Transcrição Da 2ª Entrevista À Educadora Ana Clara

Anexos 6 – Notas De Campo

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma dos procedimentos efetuados.....	28
--	----

INTRODUÇÃO

O presente relatório insere-se na área científica de Prática de Ensino Supervisionada – PES, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

O relatório final sobrevém como uma ferramenta basilar no processo de desenvolvimento do aluno, fomentando uma atitude ativa na construção do saber, desenvolvendo neste competências na área da investigação/reflexão para que desta forma numa metamorfose contínua construa e reconstrua o conhecimento. É neste sentido que, a investigação em educação impulsiona o entendimento pela partilha, pela reflexão, pelo entusiasmo das descobertas feitas e consequente aposta no sucesso.

Os jovens são hoje, cada vez mais, um produto dos *media*. O diálogo inter geracional que possibilitava a transmissão da cultura, da tradição pelos mais velhos para os mais novos de valores sociais e familiares, vai escasseando nos dias que correm.

É em prol da (re) construção de uma sociedade orientada por valores e conhecedores das nossas raízes, das nossa memórias especialmente do conto popular (desenvolvendo todas as potencialidades por ele geradas) que, a nosso ver, se torna importante (re) acender nos nossos espíritos – talvez emigrados- a reconstrução da imagem de pátrias distantes, que o presente relatório final tomou forma, teceu e entrelaçou, fios de memória, pedaços de vida, tomando por base um trabalho de investigação qualitativa, onde relata em pequenos fragmentos de memórias, a vida de uma educadora, bordada em ponto cruz com um grupo de crianças de 2/3 anos.

Motivação

A própria reconstrução da memória da minha infância remete-me para o meu pai, primeiro impulsionador deste meu gosto pelos contos, pela literatura e que presentemente encontram eco na minha formação académica. Gosto (re) avivado pela professora de Literatura Tradicional/Oral/Popular. E, acontece que desde a noite dos tempos, os homens contam o que é uma viagem distante para o ser humano aventurar-se no que pode ser pela rememoração do que sempre foi a transmissão da sabedoria do universo. Embora o conto popular seja hoje uma forma literária reconhecida e utilizada por inúmeros escritores, a sua origem é muito mais humilde. Na verdade, nasceu entre o povo anónimo.

A observação direta da realidade despertou o meu olhar no sentido de compreender o da reconstrução da memória do educador e o seu impacto nas crianças, levantando questões

inerentes à minha prática pedagógica, fruindo numa atitude investigativa/reflexiva, e para a qual procuro encontrar respostas. É, pois, na reconstrução da memória do educador, que este estudo se irá debruçar.

Definição do Problema:

A reflexão continuada sobre a prática da educadora na sua ação diária e sobre a minha própria levou-me ao questionamento da razão de ser das dificuldades surgidas no domínio do conto popular/oral, quer na prática da educadora, quer nos resultados obtidos pelas crianças mais tarde durante o percurso escolar no domínio da Língua Portuguesa.

Segundo Nogueira (2013), o estudo e a divulgação, em contexto escolar, dos textos da tradição oral portuguesa (e não só) pode contribuir decisivamente para a construção de um ambiente social e cultural mais pluralista, estimulante e democrático.

É sobre a rememoração dum educadora no seu dia-a-dia de prática no domínio do conto popular/oral e a forma como esta se relaciona com as crianças de creche da faixa etária 2/3 anos, que se enquadra este estudo. Desta forma escolhi para tema do meu trabalho: **De que forma a reconstrução da memória do Educador influencia a transmissão do conto popular/oral nas crianças de 2/3 anos?**

O envolvimento da educadora num trabalho de reflexão sobre a sua memória e sobre a sua prática na experimentação de novos caminhos no domínio do conto popular/oral é um dos focos deste trabalho. Desta forma pretende-se clarificar as questões que se colocam e que constituem o problema do trabalho a desenvolver:

- Poderá a reconstrução da memória do educador ser mediadora na relação entre as crianças de 2/3 anos e o conto popular/oral?
- Qual o impacto da reconstrução da memória do educador na vertente do conto popular/oral nas crianças de 2/3 anos?
- Como pensar a relação dos educadores com o conto popular/oral na motivação das crianças em creche?

Objetivos de investigação

Na procura da descrição do processo que permita a análise do problema a ser tratado e para que se pudesse facilitar a pesquisa defini os seguintes objetivos:

- Compreender a reconstrução da memória do Educador como transmissor do conto popular/oral.
- Identificar e refletir sobre a mediação do Educador na relação entre o conto popular e as crianças de 2/3 anos.

Metodologia

Optou-se por uma metodologia natureza qualitativa/ interpretativa, constituindo-se como principais técnicas e instrumentos de recolha de dados, a observação através das notas de campo, e a entrevista biográfica.

Local de Estágio

A instituição, Associação Popular de Sobral Monte Agraço, onde realizei o meu estágio é uma instituição particular de solidariedade sem fins lucrativos (IPSS). A Associação Popular de Sobral de Monte Agraço, “O Jardim da Criança”, tem a sua sede na Quinta dos Loureiros – Rua Manuel Pedro Cardoso, na vila, de Sobral de Monte Agraço funcionando com as valências de creche, Jardim-de-Infância e A.T.L., no terreno cedido pela Camara Municipal surgindo em 2008 a ampliação do espaço com uma nova ala.

É um espaço térreo que dispõe de iluminação natural. As portas e janelas são em caixilharia e grande parte delas estão viradas para o exterior, o que possibilita um bom arejamento e ventilação. Possui ar condicionado na ala nova.

O espaço exterior encontra-se equipado com diversos equipamentos adequados a um bom desenvolvimento das crianças e agrupados de acordo com as diversas faixas etárias. Tem ainda diversas árvores de fruto e um pequeno jardim a rodeá-lo.

Esta instituição subsiste através do Subsídio da Segurança Social, das quotizações dos sócios e da comparticipação financeira dos Encarregados de Educação.

O horário de funcionamento é das 07h00 às 19h30m.

A instituição tem como valores pedagógicos, o respeito pela individualidade de cada criança procurando respeitar o ritmo de aprendizagem de cada uma, passando a ação educativa por toda e qualquer influência que o educador exerça sobre o educando de forma a estimular e potenciar o seu desenvolvimento integral como ser único que é. As aprendizagens acontecem na medida em que o educador compreende e respeita o educando e por ele é compreendido é respeitado, estabelecendo-se assim uma sólida relação de afeto simpatia e empatia mútuos salvaguardando sempre a individualidade de cada criança. Defende ainda que a educação não se transmite e não se impõe mas desperta-se através da relação e vivência com todos os intervenientes educativos.

Valoriza ainda a estreita colaboração entre escola- família - comunidade promovendo para isso diversas atividades nas quais os pais, crianças e educadores em suma toda a comunidade estejam envolvidos. Exemplo dessa estreita relação é a festa de final de ano onde toda a comunidade quer tenha crianças ou não a frequentar a instituição é convidada a participar ativamente na mesma. Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos

seus filhos e os principais interessados no seu bem-estar. Por isso são parceiros privilegiados e fundamentais no desenvolvimento da Educação dos seus filhos.

Plano de Trabalho

Este relatório de estágio encontra-se organizado em três capítulos. Sendo assim, no primeiro capítulo procedemos á exposição teórica que fundamentou este trabalho e que se encontra dividido em cinco pontos, sendo que no primeiro se faz uma viagem pela memória, para no segundo ponto abordarmos a construção do conhecimento da crianças e da relação. Neste ponto, ainda, se faz uma caraterização da criança de 2/3 anos. No terceiro ponto o nosso trabalho foca-se resgate da memória do conto popular e nas diferentes mutações que foi sofrendo ao longo dos tempos. No quarto ponto surge o valor pedagógico do conto e a sua importância para a formação da personalidade das crianças e por fim no último ponto aborda-se o educador como modelo na sua conceção e o seu contributo como transmissor do conto popular/oral.

No segundo capítulo passamos a descrever as fases de pesquisa documental, técnicas de recolha de dados bem como a metodologia escolhida. Neste capítulo procede-se ainda á explanação dos procedimentos necessários á realização deste relatório. Como metodologia de pesquisa optámos por uma abordagem qualitativa e interpretativa, permitindo assim, que o investigador tivesse uma visão mais realista das respostas que foi obtendo. No processo de recolha de dados, para clarificar a trajetória de vida do sujeito observado deste relatório, optámos por arranjar e contextualizar os dados alcançados através das entrevistas biográficas, permitindo que estes sejam uma (re) construção de ser. Socorremo-nos ainda de notas de campo que nos permitiu fazer registos interpretativos e reflexivos com grande idoneidade pois ao estarem divididas em três categorias: descrição, inferências e reflexão sobre determinados acontecimentos, foi possível registar as nossas expectativas, resultados, comentários pessoais sobre as situações mais significativas correspondentes a experiências de aprendizagem

No terceiro capítulo apresentamos a análise de dados do trabalho. Considerando os dados recolhidos ao longo do período de realização deste relatório, foi então necessário apresentar uma reflexão e interpretação sobre os mesmos, no sentido de melhor compreender o seu significado na procura de resposta aos objetivos do relatório.

Assim, expõem-se neste capítulo as reflexões, apreciações e interpretações realizadas aos dados que foram obtidos, descrevendo algumas das experiências de aprendizagem desenvolvidas, seguida da sua análise e reflexão.

Por último, apresentamos as considerações finais, onde se tecem a jeito de conclusão reflexões e considerações sobre o trabalho efetuado. Como parte final de todo este relatório é necessário que se referencie a fonte do nosso saber, o que nos mitigou a sede de conhecimento e como tal surgem as referências bibliográficas utilizadas ao longo da elaboração deste relatório.

CAPÍTULO I - QUADRO TEÓRICO

1. O NASCIMENTO DA MEMÓRIA COMO FUTURO DA EVOLUÇÃO- CONCEÇÃO DE MEMÓRIA

Falar de memória obriga necessariamente falar de nascimento e desse nascimento a ciência diz-nos que há 15 mil milhões de anos, o Universo era uma partícula de matéria densamente condensada a temperaturas elevadíssimas. Essa partícula, sofreu um processo físico e químico conduzindo-a á sua explosão. A esta visão de nascimento do Universo chamamos Big Bang.

Antes da explosão da partícula basilar que continha toda a matéria, existia o caos, e esse caos apaga-nos a memória de uma existência passada. No vazio existia o caos, o nosso caos, a nossa vida cósmica pré-natal, a memória do que fomos antes do nosso início, do nosso tempo e do nosso passado. “Gota de toda a matéria, de toda a energia”. (Ramos & Barreno,1984:17)

Lentamente a matéria agrupa-se e surgem as galáxias feitas de átomos luminosos, as nossas primeiras pátrias. A luz vence a escuridão, o Universo torna-se transparente, onde a matéria se transforma em permanente mutação, novas estrelas condensam-se a partir de nebulosas girando velozmente, nascendo vida, nascendo o homem, átomos de hidrogénio, do “simples para o complexo”. (Papalia, 1981: 7)

Uma viagem distante para o ser humano aventurar-se no que pode ser pela rememoração do que sempre foi a transmissão da sabedoria do universo. É na oralidade da memória que, “ A sabedoria preside à gestação do mundo, através do ruído, do atrito, do discernimento, perscrutação”. (Guimarães, 2002:13)

Assim dizemos, então, evolução. Mas para a transmissão da sabedoria da matéria é necessário haver transferência de informação, ADN, seres vivos que se copiam. Reúnem-se as células, mas vazias de sentido procuram estruturas estáveis, sabedoria, memórias. E na ausência da memória seriam essas estruturas estáveis?

1.1.MEMÓRIA EM MUTAÇÃO

A moderna compreensão da memória deve-se em grande medida á oralidade passada de geração em geração ao longo da existência do Homem.

A procura da memória profunda que cada ser carrega marcada pelo limite do conhecimento, barreira material, o princípio, o fim, a consciência de que nada é eterno,

fizeram nascer o mito, o conto, perpetuando a memória de quem parte e de quem fica, a crença na magia que nos alimenta, que tece o enredo da existência, da nossa existência.

Num mundo tão breve como aquele em que vivemos, são as nossas memórias, usos e costumes, o que legamos para as gerações vindouras.

A identidade de uma sociedade constrói-se no reconhecimento de pertença, recorrendo a um passado distante. É através da história da nossa existência, da nossa vida e das gerações anteriores que se estabelecem as linhas guia entre presente e passado. Para traçar essas mesmas linhas que dão sentido ao nosso dia-a-dia é necessário que se definam alguns costumes, intencionais, planeados, instintivos ou ocasionais. Só se reescreve a História se alguém perpetuou, guardou memórias, que nos possam remeter ao passado, ao que fomos, ao que seremos.

Assim, um povo que não guarda as suas memórias, as suas histórias, o seu património, desconhece quem realmente é. E as memórias de um povo estão vincadas no seu património cultural que deve ser preservado, restaurado, contado, cantado como nos diz Camões no canto I da sua obra Os Lusíadas

(...) E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando (...)

Nesta perspetiva, a memória reveste-se de importância vital no sentido de despertar o interesse das crianças (geração futura) para que desenvolvam o gosto pela história, pela memória, pela identidade individual ou coletiva, aprendendo, aprendendo sobre o passado, o presente e o futuro, dinamicamente, participativa e ao mesmo tempo prazerosa. Bruner (1998) corrobora esta ideia quando afirma que, “O primeiro objetivo de um ato de aprendizagem, para lá do prazer que possa dar, é ter utilidade no futuro. Aprender não deve apenas conduzir-nos a determinado sítio, deve permitir-nos continuar mais tarde esse caminho com maior facilidade”. (p: 39)

1.1.1. MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA

Numa leitura psicológica da memória, tomando por base o trabalho realizado por Halbwachs (2006), vemos que este defende a ideia de que para nos “lembrarmos” de algo é necessária a existência de um acontecimento e de um interveniente. A esta “lembrança” chamamos memória individual, na medida em que verificamos que é preciso haver uma

pessoa que participou no acontecimento, seja como ouvinte ou como interveniente, que recorde-se daquele momento e que mais tarde possa comunicá-lo e guardá-lo. Nesta linha de pensamento, a memória surge como a capacidade de armazenar informações. Assim, é através do testemunho individual e da relação estabelecida que um acontecimento se perpetua e se torna memória para um grupo, se torna memória coletiva. A História dá-nos conta de que periodicamente existe a necessidade de recorrermos a esse testemunho “para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação” (Halbwachs, 2006: 29).

O mesmo autor diz-nos ainda que, “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (Halbwachs, 2006: 29). É na passagem oral entre o passado e o presente que a relação entre o que “ouvimos” e o que “contamos” se deve fazer de forma harmoniosa na medida em que ambos se devem entender como fazendo parte de um todo e o acontecimento vivido e recordado deve ser comum a todos os membros do mesmo grupo e nesse sentido a memória remete a um grupo, o indivíduo carrega consigo a memória de um acontecimento, mas está sempre em interação com a sociedade já as lembranças de cada um permanecem coletivas e são recordadas por outros, ainda que se trate de acontecimentos nos quais somente o sujeito esteve envolvido e objetos que só ele viu. (Halbwachs, 2006)

Neste cruzamento entre memória individual, e memória coletiva, surge a literatura e a tradição oral, resultante da combinação das memórias dos diferentes meios nos quais participa, sofrendo a sua influência, quer no seio da família, na escola, ou no meio social no qual está envolvido.

É então acertado dizer que na sociedade atual a construção do indivíduo se dá na relação construída com o outro e na apropriação que faz dos vários papéis sociais e das várias experiências vividas, e assim, o indivíduo não é apenas um, mas muitos, em função das suas circunstâncias e do meio onde se insere.

1.2.EFABULANDO A VIDA - CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DA RELAÇÃO

De forma a compreendermos a aquisição de conhecimento pela criança na primeira infância, é fundamental abordar a forma como se processa a construção do pensamento humano.

Piaget & Inhelder (1979) defendem que a criança dos zero aos três anos de idade necessita da permanência do objeto e do contacto corporal com o mesmo de forma a promover as suas “construções perceptivas e intelectuais” (p:11). Nos primeiros dezoito meses de vida, o desenvolvimento acontece de forma vertiginosa e as aquisições que se efetuam nele revelam-se, então, de extrema importância, pois servem de base para as aprendizagens futuras. É nesta fase que a comunicação assume o papel fundador do desenvolvimento global, pois já com a marcha adquirida, a linguagem surge como motor para todas as novas aprendizagens, sendo unânime que “o desenvolvimento intelectual da criança é um processo temporal por excelência” (Piaget,1983, citado por Pinho, 2008). Já na opinião de Wallon (1975) o desenvolvimento da inteligência na criança está ligado ao desenvolvimento da sua personalidade.

O meio, surge como elemento singular para o progresso da criança. Se inicialmente começa por ser apenas um meio físico, mais tarde, próprio da espécie humana, o meio físico é substituído ou sobreposto pelo meio social. Partindo das relações que ligam o indivíduo ao seu meio, é necessário encarar o seu desenvolvimento como estando ligado às suas possibilidades de existência.

Neste sentido crê-se, então, que a construção do conhecimento se processa a partir das experiências físicas que são proporcionadas à criança. Branco (2010) aquando do seu estudo sobre João dos Santos refere que:

O percurso evolutivo da criança dá-se na passagem do impulso e da emoção aos sons; dos sons aos movimentos globais e desordenados; dos sons e movimentos desordenados ao movimento diferenciado e localizado; do movimento expressivo, diferenciado e localizado ao gesto (...). (p:491)

O desenvolvimento intelectual/mental da criança está, assim, associado ao seu desenvolvimento físico. Quando a criança começa a desenvolver a sua condição física (maturação biológica), inicia a sua capacidade de explorar o mundo que a rodeia e de dar liberdade à sua habilidade exploratória. Explora não só o espaço que a rodeia, mas também os objetos que contemplam esse mesmo espaço físico.

Nesta primeira fase do desenvolvimento, a relação social é um fator fundamental na forma como a criança antevê o mundo que a rodeia. A mãe /figura materna/paterna e a família são os primeiros elementos que interagem com a criança, é portanto através deles que a criança tem contato com as primeiras regras e normas comportamentais, socialmente aceites ou não. É ainda através da mãe /figura materna que a criança tem o primeiro contato com a tradição e com a oralidade, pelas canções de embalar, pequenas rimas e lenga lengas. Deste primeiro contato, a mãe, poeta sem saber, enraíza, no seu filho/a a rememoração do que foi,

do que será, resgata a memória da sua primeira pátria, o universo, tornando-se guardião da sua identidade, da identidade do seu povo. A palavra converte a memória em realidade, expressando as verdades de cada acontecimento e de cada “desejo infinito de se expandir e criar a ordem” (Ramos & Barreno,1984:17) do nosso tempo e do nosso passado. Palavras, ideias, sonhos, utopias, descobertas feitas nas primeiras canções de embalar, nos primeiros contos, vão ficar para sempre tecidos à nossa alma, abrindo as portas para a era dos contos.

Esta rememoração remete-nos para Vygotsky (1991), que nos diz que o conhecimento se constrói através da influência dos fatores sócio históricos e culturais defendendo que a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento são uma construção essencialmente sociocultural, atribuindo extrema importância ao meio e ao indivíduo, uma vez que estes dependem um do outro influenciando-se mutuamente. João dos Santos (2000) refere ainda “o papel da família, do clã social” (p:96), no qual a criança está inserida e a importância de ambos trabalharem em equipa, de modo a promover o seu desenvolvimento em harmonia, visando a sua inclusão e integração nos costumes da sua cultura, que assentam no princípio do relacionamento entre pessoas. E neste papel fulcral desempenhado pela família destaca o primeiro conhecimento antes da entrada na escola que denomina como “relação verbal”. (idem:96)

Tavares & Alarcão, (2005) no seu estudo sobre os processos de aprendizagem remetem-nos para Bruner, que também defende a ideia de que a criança é um ser ativo na construção do seu conhecimento, atribuindo no entanto uma grande importância ao ambiente cultural e social em que ela se insere, considerando que este poderá antecipar as capacidades de compreensão da criança, facilitando assim o seu desenvolvimento cognitivo. Ainda de acordo com os mesmos autores, Bruner caracteriza a linguagem como sendo “uma ferramenta pela qual passam ou são trabalhados os valores, as ideologias, os padrões sociais, os costumes, as tradições, de uma determinada cultura” (Tavares & Alarcão, 2005:70), reportando-a assim como um meio cuja função não se limita só à comunicação mas também a formação do pensamento e das relações sociais.

Ora, para o desenvolvimento harmonioso das relações que estabelece, é fundamental que a criança em creche esteja inserida num ambiente calmo e que transmita segurança. Portugal (2009) defende mesmo que um dos aspetos mais relevantes do trabalho em creche é precisamente a possibilidade que o educador tem de promover o desenvolvimento e favorecer uma relação próxima com a criança. Estudos efetuados por alguns investigadores como René Spitz (1945), Harry Harlow (1958) e Rima Shore (1997) verificaram que a falta de afetividade e estímulo pode provocar um desenvolvimento precário e atrofiado, podendo

mesmo levar à morte. “ O stress emocional causado pela ausência de afetos pode ainda impedir a atividade cerebral saudável e que, sob condições extremas de angústia física ou emocional, o cérebro deixa de funcionar” (Post & Hohmann, 2004: 33).

É, neste contexto que Silva (1997) reforça a importância da relação quando afirma que o ambiente relacional é a base do desenvolvimento da criança. Esta sente-se segura, valorizada e escutada, contribuindo para o seu bem-estar físico, e autoestima. Ora, na base desta relação, como já vimos, tem morada a memória entrelaçada pela tradição do popular – Conta-me uma história!- Do simples para o complexo, deuses, fadas, amor, magia, básicas condições da existência, vagueando à deriva, para cá, para lá, sabedoria do mundo, do universo distante. “Conto o que me revelas tu do inconsciente?” (Traça, 1992:31)

1.2.1. CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA DOS 2/3 ANOS

A criança até aos três anos de idade encontra-se no estágio sensório-motor num momento de transição para o estágio seguinte, caracterizando-se este pelo uso dos sentidos nas aprendizagens e na afetividade como impulsionadora da aprendizagem.

Nesta fase de desenvolvimento, a nível físico o corpo da criança torna-se mais forte levando-a a um maior controlo físico de si e do seu corpo, apresentando-se como elementos principais uma energia inesgotável e uma excessiva curiosidade sobre o meio à sua volta. É fase dos “porquês”. Indo ao encontro do pensamento de Piaget, a inteligência sensório motora contém por base a ação física sobre o objeto e incide na vertente prática da aquisição de conhecimentos.

O cérebro por sua vez continua a amadurecer, possibilitando novas formas de experimentar o mundo e uma ideia mais clara sobre os desafios estimulantes que este oferece. Por outro lado, e tal como refere Morris (2011: 10) “não é fácil compreender a forma como se desenvolvem as crianças mais novas. É algo que exige muita paciência e capacidade de fazer observações objetivas livres de preconceitos pessoais”.

Ainda sobre este tema, existem necessidades básicas que não podem ser descartadas, tal como diz Portugal (2009:45) “as perspetivas atuais, da criança enquanto aprendiz reconhecem a importância do “apetite” para aprender, salientando a importância de assegurar, quer a satisfação de necessidades sócio emocionais (amor, segurança, reconhecimento), quer cognitivas (desafio intelectual, satisfação da curiosidade, procura de valores) ”.

Nesta linha de pensamento é pertinente dizer que as crianças até aos três anos “aprendem porque querem” (Post & Hohmann, 2004: 27). Uma criança muito pequena é uma

criança altamente motivada para aprender, sendo da responsabilidade do agente educativo proporcionar-lhe um conjunto de estímulos que se traduzam numa aprendizagem efetiva e duradoura.

Ao nível da aquisição da linguagem verifica-se um aumento exponencial de novo vocabulário, surgindo diariamente novas palavras. Já não existe o balbucio, “as prolações têm intenção comunicativa” (Papalia,1981:153). Como já referido a criança de 2/3 anos encontra-se numa fase de transição para o seguinte estágio - pré operatório- e de acordo com a teoria piagetiana este estágio caracteriza-se principalmente pela interiorização dos esquemas de ação adquirido no estágio sensório- motor.

É egocêntrica, virada para si mesma, acha que o mundo foi criado para si e não consegue colocar-se ainda no lugar do outro. O seu egocentrismo, prolonga-se aos objetos e a outros seres vivos, aos quais a criança confere intenções, pensamentos, emoções e comportamentos próprios do ser humano.

Surge assim, o pensamento mágico em que a realidade é aquilo que a criança sonha e deseja, e explica o mundo à sua volta com base na sua imaginação, sem se preocupar com aspetos de lógica. É através deste pensamento mágico que a criança vai dar entrada no mundo do feérico e os contos orais, assumem aqui, um papel primordial na construção da memória individual sendo que as descobertas essenciais à sua condição humana, como a vida, a morte, o trabalho, o amor, o sofrimento, são na sua maioria feitas pela criança ao nível do simbólico, tal como refere Traça (1992).

Apreende intuitivamente valores, ações, transmitidos pelo maravilhoso do conto popular, numa simulação simbólica do real, naquilo que Piaget citado por Traça (1992:115) denomina como “aspetos figurativos”, o princípio do pensamento conceptual. “ Conto qual é a necessidade do teu desenvolvimento?” (Traça,1992:30)

2. RESGATANDO A MEMÓRIA- O CONTO POPULAR

No início era o caos, era o nada e nesse nada só existia a memória e a poesia, dizemos, no início era o mito, a crença na magia, “o que inventámos desordenadamente, afetivamente” (Ramos & Barreno,1984:85) o homem começou a comunicar, procurou o não explicado, o não considerado e nessa procura as histórias surgiram, de viva voz, o conto popular, uma forma de ser, de criar, em comunhão com o universo, pátria distante. Qualquer tema ou assunto era contado ao redor do lume, numa prática que lhes era familiar, “presas” à palavra

enraizada numa voz e num corpo, concorrendo para que os fenómenos que dificilmente se observam são os que primeiramente nos tocaram e nos fundaram como gente.

Como alicerce desta fundação a exuberância do conto popular, como “veículo transmissor de conhecimento” (Traça,1992:28), pela voz do povo, memória coletiva, testemunho de uma cultura. É na oralidade popular que ecoa a identidade de um povo seja na vertente romântica ou científica. Situando-se no campo da educação o nosso trabalho, parece-nos pertinente referir a abordagem que Traça (1992) faz de Platão e da sua obra *República* e como este já defendia que o mais importante não seria propriamente a educação formal, o (...) “ensinar- lhes isto ou aquilo” (...) (p:33) mas sim, desenvolver a imaginação, a máquina com a qual se recria o mundo. Significando isto, que seria necessário educar as crianças servindo-se de histórias, mitos, contos, sugestão do antes e depois. De fato, dessa forma a criança realizava a sua aprendizagem e enriquecia o seu saber no seio da comunidade.

Uma vez integrada, participava nas lides domésticas, nos trabalhos do campo e nas horas de descanso, ao final do dia, perto da água e do fogo protetor, ouvia contar a memória do que fomos antes do nosso início, do nosso tempo e do nosso passado. Ouvia desta forma, os seus testemunhos orais trazidos pelo tempo, atravessando gerações, para partilhar saberes e convicções dos mundos conhecidos e desconhecidos. A memória oral do povo conserva ainda com incrível precisão, tal como refere Parafita (1999) as suas orações cuja origem se perde na imortalidade do tempo e que pelo uso e formas de transmissão ajudam a definir a identidade cultural do povo que a carrega.

Considerando assim, o conto popular como uma narrativa herdada da tradição, mantida pela memória coletiva de um povo, a sua origem, humilde, remete-nos para o anonimato de um ser que se transmite de forma mutável, ou seja, o contador, impregna-o com a sua marca, atualiza a narrativa de acordo com a sua própria história, o auditório. Os seus efeitos sobre os “ouvintes” (...) “mudam em função da história contada e do modo como é contada” (...) (Traça,1992:40). E daí nasce o adágio popular “ Quem conta um conto, acrescenta um ponto.”

E neste ponto acrescentado, a palavra transforma-se numa viagem, quando através do ato de contar, se leva ao outro a possibilidade de tecer em si mesmo uma nova rede de conhecimento, abarcando um novo mundo, uma nova visão, uma nova forma de ser, uma verdadeira razão para sonhar e ficar.

O conto popular emerge então como a verdadeira mensagem que transmite a ideia certa, para o qual crescer é uma tarefa difícil e que é muito bem retratado por Bettelheim (1991), quando afirma que “se quisermos obter personalidade, conseguir integridade e

assegurar a nossa identidade, será preciso submetemo-nos a desenvolvimentos difíceis: passarmos por dificuldades, correremos perigos, alcançaremos vitórias. Só assim seremos senhores do nosso destino e ganharemos o nosso reino”. (p:351)

O conto popular reveste-se de características muito particulares, obedecendo a uma estrutura muito própria e nesse sentido é normalmente linear sem intrigas secundárias, são personificações das crenças e das memórias de culturas específicas. Pela sua simplicidade são narrativas facilmente reconhecíveis, curtas, com personagens “tipo, vivendo situações “tipo” com os quais facilmente o “ouvidor” se identifica. Para Traça (1992:23) “os contos são formas vivas,” podendo ter várias interpretações de acordo com a cultura de cada um, mas o aspeto moralizante contido em cada conto alerta para os perigos e conflitos que poderão ser encarados e vencidos com perseverança.

Contados de “boca a orelha” como refere Meireles (1998) foram adquirindo ao longo dos tempos várias fórmulas iniciais como: “Era uma vez...”, “Há muito tempo...”; Diz-se que...”; “No tempo em que os animais falavam...” cuja função era acima de tudo prender na sua teia o “ouvidor” criando expectativas sobre o desenrolar da narrativa, expirando igualmente com fórmulas finais: “Bendito e louvado este conto está terminado...”; “Quem lá foi, já cá não está para dizer como foi...” ou ainda “ Está minha história acabada e minha boca cheia de marmelada...”.

Na linguagem popular portuguesa, existem diferentes designações para este tipo de narrativas: Histórias; Casos; Contos; Lendas; Patranhas; Ditos; Fábulas, agrupando-se, no entanto na proverbial nomenclatura – Contos da Carochinha, o mesmo acontecendo em França onde se designa como - *Contes de la mère oie* resgatados da memória popular por Perrault. Se nos primórdios da sua existência os contos populares não tinham como destinatários as crianças, sendo escutados por todos ao fim de um dia árduo de trabalho nos campos, em que a noite magistralmente, escolhida para o ato de contar, possibilitava que no inconsciente de todos e principalmente das crianças ficassem armazenados como o ultimo relato do dia, os acontecimentos que nele decorreram, possibilitando desse modo a fruição e memorização, de fenómenos aparentemente inexplicáveis, em que o animismo, era incutido no imaginário infantil pelos próprios adultos não se inibindo de introduzir nos mais jovens histórias ou superstições, a verdade do que acontecia de fato era que a coexistência do medo e da soturnidade facilmente permitia os equívocos entre o real e o fantástico, tal como refere Parafita (1999).

A sua transmissão contada, cantada ou apenas passada oralmente de geração em geração foram captadas no decorrer do seu processo de transmissão natural, ou seja, a via oral

tendo ficado dessa mesma captação o registo escrito, que não passa disso mesmo, um registo. No entanto a permanência até aos nossos dias do conto popular deve-se em grande parte a esse registo escrito, pois pela “(...) alteração irreversível dos ambientes naturais que viabilizavam a sua permanência (...)” (Parafita, 1999:45) corriam o risco de ficar perdidos na memória de tempos passados. “Conto que espécie de “Texto” és tu? (Traça, 1992:31)

2.1. EM TORNO DA PALAVRA (RE) CONTADA- LITERATURA INFANTIL

Da mesma forma que a nomenclatura literatura popular sofre variações entre os estudiosos deste tema, também a literatura infantil revela dividir opiniões entre os autores que dela fazem uso. Ao longo dos tempos a literatura infantil foi, encarada, como um género literário menor, já que o seu destinatário, a criança, nem sempre teve o respeito merecido como tal.

Muitos estudiosos defendem a este respeito de que só se pode falar em Literatura Infantil, como categoria literária, a partir do século XVII, época histórica caracterizada pela ascensão da burguesia, reforma do ensino e pela modificação da visão social que na época se fazia sentir em relação à condição de ser criança na sociedade e no âmbito familiar. A ideia de que a criança seria um ser com necessidades diferentes dos adultos, era desconhecida nesta altura pois era vista como um adulto em miniatura.

De acordo com Traça (1992) é estabelecida a ponte entre a literatura oral e a literatura burguesa dos salões com Perrault em 1697, com a publicação de *Histoires ou Contes du Temps Passé*.

Se nos parece certo afirmar que, antes do século XVII, não existia nada que pudesse ser tratado como Literatura para a Infância, reconhecem-se, no entanto, diversas manifestações de índole popular de transmissão oral, como as rimas infantis, as adivinhas, provérbios, certos jogos de palavras e outras que viria mais tarde a ser parte fundadora da origem da Literatura Infantil. Todavia, não podemos esquecer que esta só ganhou esse “estatuto” quando foi compilada nos primeiros livros destinados, em virtude da sua particularidade, ao público infantil. Note-se, porém, que essa adaptação, na verdade, continuava a significar o envolvimento de aspetos relacionados com a educação moral. Exemplo dessa inclusão moral foi La Fontaine com as suas fábulas, pois acreditava que para a moral, ser assimilada, era necessária a alegria e distração contida na história dos animais que possuíam características humanas.

No entanto, foi na Europa, mais propriamente na Alemanha que os irmãos Grimm, em 1812, publicaram a coletânea *Kinder-und Hausmarchen* que viria a influenciar posteriormente toda a conceção que se fazia acerca da literatura infantil. Hans Christian Andersen na Dinamarca em 1835 publica histórias contadas, onde impregnadas por um estilo muito próprio rapidamente fez seguidores entre os escritores de literatura para crianças.

Se na Europa podemos afirmar que o apogeu da literatura infantil aconteceu no séc XIX com a nova compreensão da infância, em Portugal podemos remontar ao Séc XVI, tal como refere Meireles (1998) a Gonçalo Fernandes Trancoso e aos seus *Contos e Histórias de Proveito e Exemplos*, publicados em 1575, e considerados o primeiro contador de contos escritos, tendo ficado na história da literatura popular como sendo a obra mais influente e marcante da época.

Nomes como Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Ataíde de Oliveira, Consiglieri Pedroso, Leite de Vasconcelos, entre outros foram alguns dos mais destacados autores que diretamente da “boca do povo” recolheram e compilaram memórias da tradição oral portuguesa. De salientar ainda uma das primeiras grandes figuras da literatura infantil, referida por Traça (1992) Ana de Castro Osório, e sobre quem Leite de Vasconcelos se referiu como uma figura preocupada e conhecedora do valor dos contos populares ou de aspeto popular, como instrumentos de educação infantil, preocupação essa assente na sua publicação *Para as Crianças*, de 1897 onde consta contos de origem popular portuguesa por ela modificados no estilo e contos literários ou traduzidos de autores estrangeiros.

Na atualidade, Parafita (2002:209), em *Pedagogias do Imaginário* salienta “que um texto de Literatura Infantil, antes de ser infantil (...)”, tem de se afirmar como Literatura, assumindo-se como uma obra de arte, objeto, portanto, de uma relação interpretativa particular. Somente nessa altura, conseguirá, então, confirmar junto da criança os seus propósitos fundamentais, a saber: “ (...) aquisição e potenciação de esquemas mentais; aquisição e cultivo da linguagem; aquisição e implementação de experiências estéticas e éticas (...).

Como vimos, a fronteira do conceito da literatura infantil e do conto popular tem as suas especificidades e necessidades. No entanto, Meireles (1998) elucida-nos muito bem acerca dessa linha ténue que separa estas duas literaturas ao afirmar “Foram certamente necessários muitos recontos orais para se chegar a um conto escrito” (p:15).

A sua linguagem, os seus temas e pontos de vista percecionam um tipo de destinatário em particular. Estudos na área da psicanálise, sociologia, pedagogia ao longo dos últimos anos têm apontado que a literatura para crianças não é inocente e que há algo de sério no

reino enfeitado da literatura infantil e na magia que desperta nas crianças. Acima de tudo o mais importante é que a literatura cumpra junto da criança a sua função estética e criativa e não condicione o seu desenvolvimento mental em momento algum. A literatura, seja oral, seja escrita, deve ser sempre colocada ao alcance do seu interesse e das suas necessidades. “Conto como funciona e porque me agrada?” (Traça, 1992:30)

2.2.MAGIA E IDENTIFICAÇÃO - O VALOR PEDAGÓGICO DO CONTO POPULAR

Conforme vem sendo referido ao longo deste relatório desde tempos antigos que o conto popular tem uma ligação profunda à sociedade que vai habitando, pois era através deles que as normas de conduta e os valores eram transmitidos aos mais jovens.

Sábios gregos, como Platão e Aristóteles, defendiam a relevância do contacto com estes textos, desde a mais tenra idade.

Acreditamos que os contos desenvolvem o imaginário das crianças, ao mesmo tempo que, metaforicamente, oferecem caminhos a percorrer em cada fase do crescimento físico, social e intelectual. Dotados de uma linguagem simbólica, são ferramentas essenciais na interiorização de valores, a ultrapassar dúvidas e temores, permitindo crescer de forma equilibrada e sadia.

Os contos populares numa espiral crescente entre ficção, realidade, maravilhoso e alguns momentos do fantástico possibilitam que os elementos contidos sobressaiam, devido ao animismo que as crianças projectam nos seus jogos e brincadeiras. Como já vimos, muitos deles partem de um fenómeno inexplicável, o não explicado, para introduzirem, aos poucos e poucos, elementos que entram em conflito com a compreensão humana, criando possibilidades para o acaso. Esses elementos provocarão uma inquietude de pensamentos, levando à hesitação, por parte da criança e, mesmo das personagens, quanto à veracidade das ocorrências insólitas, tal como refere Parafita em *A Comunicação e a Literatura Popular* (1999).

Apesar de, crianças e adultos habitarem o mesmo mundo, no entanto ambas sentem e vivenciam o meio que as rodeia diferente umas das outras. Bettelheim (2011) refere que através da história, as vivências intelectuais de uma criança estão dependentes dos mitos, dos contos de fadas, etc., que estes são o alimento da imaginação, o estímulo da fantasia que serve como importante agente socializador na relação que a criança estabelece com o meio. E neste sentido os contos populares têm o privilégio de ajudar a criança a formar os conceitos da origem, da realidade movente, evolutiva, bem como os desígnios do mundo que as rodeia

e dos seus padrões sociais. O mesmo autor refere ainda que o conto apresenta na sua maioria vivências do quotidiano, no entanto, não se referem com clareza ao mundo exterior, e o seu tema/ação tem poucas semelhanças com as vidas dos ouvidores.

A sua essência realista tem a capacidade de falar aos processos interiores do indivíduo. Seguindo esta linha de pensamento Traça (1992) reforça que, o conto é o veículo de transmissão de valores culturais. Quem os ouve, descobre nas personagens que habitam na narrativa figuras bem reais com quem se defrontam no seu quotidiano. O conto que se transmite de viva voz representa mais do que somente uma sucessão de fatos mais ou menos fantásticos, salvam do esquecimento e da extinção, memórias ancestrais da conceção do mundo e da condição de Ser.

As questões levantadas pelos contos são questões com as quais o indivíduo se vê confrontado ao longo da sua vida:

"rivalidade de gerações, integração dos mais novos no mundo adulto, tabu do incesto, antagonismo dos sexos. Lida com aspetos da vida social e do comportamento humano, com etapas fundamentais da vida humana como o nascimento, o namoro, o casamento, a velhice e a morte, e com episódios característicos da maior parte das pessoas. Do campo emocional fazem parte o amor e o ódio, a desconfiança, a alegria, a perseguição, a felicidade, a rivalidade, a amizade e, muitas vezes o mesmo conto refere-se a estes fenómenos em pares contrastantes: o bem contra o mal, o êxito" (Traça, 1992: 28).

Os contos populares não são indiferentes, brindam o “ouvitor” com explicações do universo, o nosso caos, a nossa vida cósmica pré-natal, a memória do que fomos antes do nosso início, do nosso tempo e do nosso passado, a representação de medos e ao mesmo tempo de confianças, ensino de sabedoria, cálice precioso onde cada estirpe armazenou o seu sangue, acreditando numa existência com qualidades superiores às suas. É, portanto, natural a identificação do jovem ouvinte com uma ou outra personagem dos contos. Com ela, passa por todos os medos, enfrenta todos os problemas, num percurso iniciático ritualizado que não é nada mais do que a preparação para a vida.

E não podemos esquecer que é difícil para as crianças compreenderem que o Bem e o Mal são intrínsecos a cada ser humano e a cada situação da nossa vida, que as encruzilhadas surgem e como tal temos que escolher o caminho a seguir vivendo por isso sentimentos confusos, contraditórios, ligados a uma visão animista e dualista da vida Para além do potencial lúdico intrínseco à sua condição de conto, estes, tal como refere Traça (1992), são um carregador de baterias para a auto estima e para o ego da criança e, têm um papel basilar na formação da personalidade da mesma.

O conto revela-se assim pela tradição oral de onde nasceu incumbido de uma missão educativa de maior importância, mostrar à criança que é necessário passar de uma idade a

outra, de um estado a outro, vencendo, lutando, trabalhando, mostrando que “(...) a metamorfose da criança em adulto é cheias de perigos mas possível” (Traça, 1992:89). Porém, acreditamos que o segredo maior guardado pelos contos populares e a quem se deve a sua resistência e permanência pelos tempos é o fato de falar exclusivamente da “família humana” Traça (1992:88), de se mover por esse universo restrito e que se confunde amiúde com a condição de ser do próprio mundo. “Conto de onde vens e para onde vais?” (Traça,1992:30)

3. À PROCURA DE UM MODELO - CONCEÇÃO DE EDUCADOR

Atualmente falar da escola é falar do papel fundador que esta representa para a sociedade, quer seja pelo papel socializador da criança, quer seja como silenciador de diferenças sócio culturais, ou ainda como substituto de pais ausentes da educação dos seus filhos.

É nesta confluência de papéis que o educador surge como o elo integrador do meio que o rodeia, possibilitando à criança que descubra e se descubra como gente herdeira de tradições e de culturas ancestrais. Mas quem é e deve ser o Educador? - Na procura de resposta a esta questão Vasconcelos (1990) diz-nos que o educador se assemelha a um jardineiro, que tal como ele, o educador cuida do crescimento das suas crianças à imagem de uma flor, nesse sentido obedece a escolhas, regras, estética, ou ainda compara-o a um viajante que guia a criança na viagem que é a aprendizagem da vida facultando-lhe as ferramentas necessárias para explorar o mundo do conhecimento, abrindo as portas de par em par convidando-a a entrar e permanecer. Mas tal como no jardim também a viagem da descoberta obriga a escolhas, mapas, estética. Seguindo a mesma linha de pensamento Carneiro (2003:109) afirma que ser educador é “ (...) um compromisso de cada individuo, consigo próprio e com um projeto claro de vida”(...) .

As aprendizagens da vida emergem na voz do educador, quando defende que uma infância feliz é o alicerce de um crescimento e uma inserção social estável. Desta forma, “a forma como experienciaram a sua infância (...) tem influência na forma como se relacionam com as crianças e nas áreas que selecionam como prioritárias no seu trabalho” (Sarmiento, 2009: 313).

Como temos vindo a observar o conhecimento é construído numa diversidade de contextos e o da aprendizagem escolar é apenas mais um, sendo nele que o educador exerce a

sua ação. A forma como encara a maneira de as crianças construírem esse mesmo conhecimento delimita a sua ação.

Se os pais, primeiros atores da sua vida, poetas sem saber, contribuem para a compreensão do mundo de uma forma espontânea e informal, legando saberes, valores tradições, cabe ao educador contribuir deliberada e intencionalmente sobre a arte de educar e desta forma, tal como diz (Silva,1997) "A intencionalidade do processo educativo que caracteriza a intervenção profissional do educador passa por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo e aprofundando" (p,25) e assim a conceção de educador pressupõe ser mais que um sistema, ser capaz de auto construção, ser quem é, principalmente, ser a memória criadora que vai e vem, feita de emoções, de sonhos, de corpo e alma., pois quando se é criança é assim que somos. Conceção de educador pressupõe, então, ser “o narrador do mito que é a criança” (Pereira,2007:51). “ Conto que espécie de “Texto” és tu?” (Traça,1992:31)

3.1. LER E (RE) LER - OS CONTOS E O GOSTO PELA LEITURA

Perdidos na memória, os contos refugiaram-se, em perigo de extinção, nos livros, objeto mágico que abrem os caminhos da leitura literária num oscilar perfeito entre o real e o imaginário, no simples prazer de juntar letras e formar palavras, envolvendo a criança na descoberta do que é, do que será.

A Literatura Infantil desperta nas crianças um duplo interesse, a referir, a história narrada pelo texto escrito e a descoberta pelas imagens que ilustram a capa e as páginas. Enquanto o conto oral pode levar o leitor a uma compreensão do mundo que o rodeia e de valores culturais e morais, a imagem pode despertar os sentidos pela experiência estética. O espaço das letras partilha, com as imagens, uma “nova” narrativa com vários significados. No entanto é imprescindível que se prenda a atenção do aluno, é necessário que a história o divirta, que estimule a sua imaginação, que auxilie no desenvolvimento da sua inteligência tal como Traça (1992) preconiza no seu ensaio *O Fio da Memória*. Pois de outra forma correr-se-á o risco de as crianças fazerem uma aprendizagem penosa da leitura em livros que não as levem a sério. Estando a relação na base das aprendizagens, a criança aprende a ler da mesma forma como realiza as outras aprendizagens, estabelecendo uma ligação afetiva com o que a rodeia e neste caso vivendo num mundo complexo, precisa de se adaptar, construindo os seus “ circuitos de comunicação” (Traça,1992:120) de acordo com as experiências que vai

vivendo. Ora, se ler é dar um sentido à escrita, a criança, necessariamente lê para viver, então os contos devem naturalmente ser escolhidos em função de um fim a atingir.. “ Conto de onde vens e para onde vais?”

3.2.O CONTRIBUTO DOS EDUCADORES NA TRANSMISSÃO DO CONTO POPULAR

No momento do conto vive-se, respira-se, viaja-se pela memória do tempo. Das partículas iniciais aos átomos simples, das galáxias e estrelas aos planetas, desejo infinito de expansão, os contos vivem, respiram, viajam pelo espaço e pelo tempo, acomodando-se nos olhos de uma criança, quando lhe contam um conto. “Entendemos, ouvindo, o que não se entende às vezes lendo”. (Traça 1992:134)

A Língua Portuguesa apresenta-se como a área de conteúdo, onde muitas vezes os alunos têm dificuldades, transportando para as restantes áreas de aprendizagem um impedimento acrescido, pois segundo o Programa de Português do Ensino Básico “o Português constitui um saber fundador, que valida as aprendizagens em todas as áreas curriculares e contribui de um modo decisivo para o sucesso escolar dos alunos.” (Reis, 2009: 21)

O Educador é o mediador, o facilitador que estabelece (ou não) a ponte entre a criança e o conto popular/oral, possibilitando que esta por sua vez tenha um primeiro contato prazeroso com o mundo da tradição. Numa sociedade sem tempo e sem contos, é ao educador que legamos a missão do velho ofício que é ser contador de histórias.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA

Ao longo deste capítulo pretendemos explicar as opções metodológicas que adotámos para realizar este relatório, descrevendo assim as fases que caracterizaram a ação educativa e investigativa, assim como, todas as estratégias por nós utilizadas, para a recolha de toda a informação necessária ao decorrer do relatório e dessa forma efetuarmos uma análise, interpretação e avaliação da mesma.

1. UMA OPÇÃO DE ESCOLHA- METODOLOGIA QUALITATIVA / INTERPRETATIVA

A investigação qualitativa privilegia, principalmente, a compreensão dos problemas a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. Neste contexto, Bogdan e Biklen (1994:47) consideram que esta abordagem permite descrever um fenómeno em profundidade através da apreensão de significados e dos estados subjetivos dos sujeitos pois, tal como referem, “uma investigação qualitativa é aquela que se incide “nos aspetos da vida educativa.” É aquela em que os investigadores questionam os sujeitos – os observados – como forma de entender o seu comportamento, o seu pensamento; os investigadores valorizam os sujeitos e dão-lhes significado! Assim, um investigador qualitativo deve desenvolver relações de empatia, ou seja, deve “tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador.” (idem: 51).

Creemos desta forma, que o principal interesse, destes estudos, não é generalizar mas antes particularizar e compreender os sujeitos e os fenómenos na sua complexidade e singularidade.

Atualmente com a diversidade de meios ao nosso dispor o conhecimento pode ser alcançado de diversas formas, para além da investigação, sendo inquestionável o importante papel que se lhe atribui como o método mais rigoroso e racional e nessa linha de pensamento alcança-se ainda a aquisição de saber através da intuição; a através das tradições e costumes culturais e neste aspeto, salientamos a aquisição de saber através dos contos populares, veículos de transmissão oral de culturas ancestrais; através de raciocínio lógico e ainda através da experiência de vida de cada um. Não obstante, todos estes meios, defendemos que é a partir da investigação fundamentada que é possível criar novos saberes, de forma ordenada e organizada.

Consequentemente, o presente relatório, e tendo em conta o problema que nos propomos compreender, insere-se no paradigma qualitativo e interpretativo. Método, que segundo Bogdan e Biklen (1994) possui cinco características a referir: A fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal e nesta medida “para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto de seu contexto é perder de vista o significado” (Bogdan e Biklen, 1994: 48), assim, na investigação qualitativa os investigadores preocupam-se com o contexto, pois as ações podem ser melhor compreendidas quando observadas diretamente, e para isso é imprescindível a presença do investigador. A investigação qualitativa é descritiva. A descrição dos acontecimentos dá-se na forma de palavras, pretendendo-se que nenhum pormenor escape à observação, concorrendo para uma descrição escrita minuciosa e para isso contribui o diário de bordo, pois “a palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados” (Bogdan e Biklen, 1994: 48).

O estudo visa valorizar processo em detrimento dos resultados ou produtos, significando que os investigadores interessam-se mais pelas variáveis e dinâmicas do processo, do que pelo seu resultado, uma vez que, ao estudarem essas variáveis conseguem entender melhor o seu produto.

A investigação qualitativa é indutiva. Os dados recolhidos não têm o intuito de corroborar hipóteses pré-concebidas, as ideias vão-se construindo à medida que vão ganhando forma e que se recolhem e analisam os dados utilizando para o efeito diversos instrumentos que auxiliarão o todo o processo de pesquisa a decorrer. Embora os métodos de recolha de dados mais comuns sejam a observação e as entrevistas nenhum outro método deve ser desvalorizado e nesse sentido. “O investigador qualitativo planeia utilizar parte do estudo para perceber quais as questões mais importantes.

Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação” (Bogdan e Biklen, 1994: 50).

Na abordagem qualitativa o significado reveste-se de extrema importância na forma como são dados sentido aos dados recolhidos, estabelecendo estratégias e centrando-se nos aspetos que consideram pertinentes para tomarem o ponto de vista dos participantes. “Os investigadores qualitativos fazem questão em se certificarem de que estão a apreender as diferentes perspetivas adequadamente” (Bogdan e Biklen, 1994: 51), sendo que “ os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (idem, 50).

1.1.TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

Face ao acima descrito, o paradigma qualitativo e interpretativo revelou-se como uma escolha pertinente, uma vez que, foi através da observação direta, entrevistas biográficas e da pesquisa documental que se tornou possível compreender o nosso problema, contribuindo para isso a descrição detalhada dos factos e a fundamentação de vários autores na procura em dar sentido ao problema observado.

1.1.1. OBSERVAÇÃO DIRETA E PARTICIPANTE – NOTAS DE CAMPO

Como já vimos, a observação é um método privilegiado de obtenção de informação e de contacto com o real em que participa também de uma ampla variedade de descobertas e de aprendizagens permitindo desta forma uma melhor compreensão da realidade subjacente.

Nesta abordagem, o elemento principal de observação na observação participante é o investigador que deve observar e anotar tudo de forma rigorosa, consciente e reflexiva conforme nos indica Afonso (2005:91) “a observação é uma técnica de recolha de dados, particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos”. A observação é feita num contexto natural, neste caso, em contexto de creche, com crianças com idades compreendidas entre os 24 e os 36 meses, envolvidas nas suas ações do dia-a-dia com os pares e com os adultos da sala, nas suas rotinas, como estes se relacionam entre si e de que forma o educador surge como o elemento fundador de aquisição do conhecimento.

Neste sentido ao longo de toda a nossa pesquisa recorreremos ao uso de um diário de bordo, que nos permitiu fazer registos interpretativos e reflexivos com grande idoneidade pois ao estarem divididas em três categorias: descrição, inferências e reflexão sobre determinados acontecimentos, permitiu registar as nossas expectativas, resultados, comentários pessoais sobre as situações mais significativas correspondentes a experiências de aprendizagem vivenciadas, tendo sempre a preocupação que fossem o mais detalhadas e concretas possível e devidamente datadas e referenciadas. A reflexão, sendo a mais trabalhosa, foi a que permitiu tecer os fios de vida, com as preocupações, opiniões, ideias, numa dança virtual com os diversos teóricos.

Nas notas de campo recolhidas ao longo deste processo, é referenciada a idade das crianças, no entanto, de forma a salvaguardar a identidade das crianças os nomes são fictícios.

1.1.2. PESQUISA DOCUMENTAL

Como parte integrante deste relatório, foi ainda necessário proceder à consulta de alguns documentos, de forma a compreender melhor o grupo observado. Afonso (2005:88), refere que a pesquisa documental “consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objetivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação”. A consulta incidiu na leitura e interpretação de diversos teóricos, no projeto pedagógico da instituição e no perfil de desenvolvimento das crianças de 24 e 36 meses. Toda esta pesquisa se revelou pertinente para uma análise e reflexão sobre o valor da reconstrução da memória do educador e o impacto que tem a relação deste com o conto popular e com as crianças desta faixa etária.

1.1.3. RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA - ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS

A entrevista em investigação identifica-se pela obtenção de informações através de um questionamento direto por interação verbal. “ (...) a entrevista procura estudar variáveis complexas e de uma forma ou de outra, subjetivar amostras mais reduzidas, estabelecendo uma relação pessoal entre o entrevistador e o entrevistado, que leva este a um maior envolvimento na conversa e na elaboração das respostas.” (Sousa, 2008: 247)

Esta dinâmica representa a oportunidade dos porquês onde esclarecimentos circunstanciais possibilitam uma melhor compreensão das respostas. Stellitz (1965), citado por Sousa (2009: 247) define seis tipos de objetivos da entrevista: Averiguar “factos”; Averiguar “opiniões”; Averiguar “sentimentos”; Averiguar “atitudes”; Averiguar “decisões”; Averiguar “motivações”.

Desta forma para clarificar a trajetória de vida dos sujeitos deste relatório, optámos por arranjar e contextualizar os dados alcançados através das entrevistas biográficas, permitindo que estes sejam uma (re) construção de ser.

Os relatos autobiográficos, recolhidos durante o período de elaboração deste relatório, com uma educadora durante o segundo semestre letivo de 2013, constituem a base empírica, através da qual, se cria a possibilidade de relacionar a trajetória pessoal com a sua prática pedagógica, concorrendo para suporte metodológico a respetiva biografia, de acordo com os objetivos estabelecidos na procura de resposta ao problema dado.

Em sintonia com Poirier (1995) citado por Tinoco (2007:5) as biografias (...) procedem através da acumulação de registros.” Este autor defende que a investigação não se centra num percurso biográfico particular, pelo contrário: o material de estudo é constituído pela acumulação das histórias. Assim e de acordo com o mesmo “ (...) o material recolhido é fundido num só texto; sobre esse texto proceder-se-á a uma análise de conteúdo que será diferente de acordo com os objetivos do projeto”. (2007:5)

Já numa breve abordagem às histórias de vida que diferem das biografias pela leitura subjetiva do investigador, mas que apesar de diferentes, cruzam-se entre si, pareceu-nos pertinente para nos situarmos no nosso estudo estas podem ser totais ou parciais/temáticas em que na primeira situação são recolhidos todos os hábitos culturais e quotidianos, possibilitando a compreensão de como determinada cultura se organiza. Este autor dá-nos o exemplo da análise de uma comunidade cigana, onde seria necessário fazer um “levantamento exaustivo de um modo de viver em sociedade que é radicalmente oposto à sociedade dita normativa.” (Tinoco, 2007: 5).

Já as histórias de vida parciais/temáticas, focam-se em figuras que nos são mais próximas por pertencerem a uma mesma cultura, logo o levantamento de dados centra-se principalmente em determinadas especificidades biográficas. Assim, imaginando que queremos compreender a relação que o educador estabelece com os contos de tradição oral, não necessitamos ter em conta os seus hábitos alimentares.

Neste sentido, adotamos como base as entrevistas biográficas com as seguintes temáticas: experiência profissional, experiência pessoal e as referências práticas e teóricas sobre a temática conto popular, a partir de materiais já existentes como a memória, diário de bordo, entrevistas. No caso deste relatório, o interesse pela subjetividade inerente, as características do problema em análise e os objetivos estabelecidos justificam a escolha pela, pois a entrevista biográfica é adequada quando como já referimos, queremos compreender a relação que o educador estabelece com os contos de tradição oral, Assim, a escolha da entrevista biográfica teve como objetivo dar voz á educadora e a sua relação com o conto popular.

1.2.PROCEDIMENTOS

Para a elaboração deste relatório foi necessário, para além da pesquisa bibliográfica, recorrer a um conjunto de ações e procedimentos que foram dando forma à redação do

presente relatório. Assim segue-se uma breve apresentação por ordem cronológica desses mesmos procedimentos.

- Caracterização do contexto institucional e do grupo onde o problema se insere;
- Recolha e registo de notas de campo de carácter exploratório e respetivas sínteses reflexivas; Na recolha das notas de campo utilizou-se um caderno de folhas soltas e em casa foram transcritos os “pedaços de vida”;
- Identificação do problema a partir de uma reflexão das notas de campo e em reunião de tutoria grupal na aula de Investigação em Educação
- Recolha e registo de notas de campo focadas no fenómeno que se pretendia observar;
- Definição operacional de conceitos relacionados com o problema definido;
- Designação da intencionalidade/finalidade e dos objetivos do presente relatório;
- Pesquisa Bibliográfica sobre os temas relacionados com o objeto de estudo;
- Tutoria para esclarecimento de dúvidas e caminhos a seguir;
- Metodologia: Breve definição das características da Investigação Qualitativa e Interpretativa;
- Explicação da observação direta e participante como método de recolha de dados, assim como das histórias de vida e o uso de notas de campo e entrevistas biográficas como instrumentos de recolha de dados;
- Seleção e classificação das notas de campo pertinentes;
- Categorização das notas de campo;
- Análise e interpretação dos dados;
- Considerações Finais;
- Redação final do relatório.

1.3. CRONOGRAMA

Apresenta-se no cronograma que se segue a sequência temporal dos procedimentos efetuados para a realização do presente relatório.

Etapas	2012				2013			
	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho
Aulas teóricas/práticas Investigação em Educação lecionadas pela Professora Rosa Nogueira	Observação /atitude investigativa e mista. Análise de documentos sobre Investigaçāo em Educaçāo.		Reflexāo notas de campo.	Abordagem aos objetivos da PES.		Explicitaçāo do posicionamento Paradigmático Qualitativo- Interpretativo e análise personalizada dos trabalhos dos alunos		
Estágio I e II Creche	Início da recolha de notas de campo exploratórias / sínteses reflexivas.		Recolha de notas de campo exploratórias / sínteses reflexivas.			1ª Entrevista biográfica á educadora Ana	2ª Entrevista biográfica á educadora Ana	
Orientaçāo tutorial						Acompanhamento personalizado e em grupo à investigaçāo e relatório final a cada aluno com a orientadora de relatório Joaquina Duarte		
Trabalho de investigaçāo / elaboraçāo do relatório final				Definiçāo do Problema (1ª abordagem – dúvidas/questionamentos).	Definiçāo final do Problema.	Definiçāo dos objetivos; Metodologia; Continuaçāo da recolha das notas de ampo;	Entrevistas biográficas	Fundamentaçāo teórica. Redaçāo do Relatório Final

Tabela 1 - Cronograma dos procedimentos efetuados

CAPÍTULO III: ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS

1. OS PRIMEIROS TEMPOS...

Considerando os dados recolhidos ao longo do período de realização deste relatório, é então necessário apresentar uma reflexão e interpretação sobre os mesmos, no sentido de melhor compreender o seu significado na procura de resposta aos objetivos do relatório.

As observações realizadas foram registadas através da entrevista biográfica a uma educadora onde se procurou compreender a reconstrução da memória do Educador na relação que mantém com o conto popular e como esta relação influencia a transmissão do mesmo nas crianças de 2/3 anos. A entrevista permitiu ainda refletir sobre a mediação do Educador na relação entre o conto popular e as crianças.

Foi possível constatar que apesar do seu contato não, ter sido, como afirma a entrevistada muito próximo com o conto popular *Na verdade não...Apenas, lembro, da minha mãe cantar...a música da Oliveirinha da Serra e do Bicho Papão*, preocupa-se ao longo da sua prática em conjunto com a sua colega conhecer mais e obter mais conhecimento sobre a literatura popular/oral.

As notas de campo foram o meio pelo qual se conseguiu proceder à descrição das observações feitas tendo como primeiros objetivos a clareza e exatidão da informação. Abordou-se a ação e para finalizar, produziu-se comentários que transmitem os pensamentos sobre o tema tratado.

Assim a leitura de dados começa com o estudo das notas de campo, onde procuramos indicadores de sentido, comuns, entrelaçando-as com a entrevista.

Mas antes de procedermos á leitura da análise de dados é necessário categorizar os dados, tratando-os de forma a podermos inferir nas conclusões. Assim “ A categorização tem como objetivo fornecer, por condensação uma representação simplificada dos dados brutos” (Sousa, 2009, p. 276). Sendo que um sistema de categorias deve possuir duas caraterísticas fundamentais (Neto, 1997, citado em Sousa 2009) as quais se identificam como:

- Um conjunto de duas ou mais categorias significativas para o problema em estudo – que decorrem normalmente das questões investigativas, das hipóteses, conceitos-chave ou temas importantes.

- Um conjunto de regras ou normas para associar os fenômenos estudados às várias categorias.

O mesmo autor diz-nos ainda que, “a atividade da categorização implica, entre outras, as seguintes tarefas:

- A decomposição do texto original em unidades de significado;
- A numeração dessas mesmas unidades;
- A classificação das unidades de significado em função do sistema de categorias estabelecido.”

Desta forma após leitura das notas de campo e da entrevista realizada, encontrei como primeiro indicador, a reconstrução da memória do educador na relação que estabelece com o conto popular/oral de forma e como segundo indicador a mediação do educador na relação das crianças de 2/3 anos com o conto popular.

Para dar resposta aos objetivos traçados e às questões formuladas, formaram-se duas categorias: Categoria A: A reconstrução da memória do educador na relação estabelecida com o conto popular. Esta categoria pretende analisar as vivências do educador com o conto popular.

A categoria B: O Educador como mediador na transmissão do conto popular à criança e a relação que se estabelece entre ambos.

Apresenta-se de seguida o modo, como categorizei os meus dados:

- Categoria A: A reconstrução da memória do educador na sua relação com o conto popular. Entrevista à Educadora Ana e NC nº...
- Categoria B: A mediação do educador no conto popular a relação deste com as crianças de 2/3 anos. NC nº...

As categorias apresentadas procuram dar resposta aos objetivos do Relatório Final, identificar e repensar a importância reconstrução da memória do educador e na forma como se relaciona com o conto popular. Os objetivos vão ao encontro das questões deste relatório onde se pretende de forma transversal compreender o gosto pelos contos e os sentires que deles advêm; compreender como é que os contos populares são mediadores da aprendizagem e do desenvolvimento; como os contos são auxiliares nas relações afetivas que a criança vai tecendo com o seu "eu" e com o outro, e ainda, identificar e refletir sobre a intuição e intencionalidade dos adultos de referência da criança com a transmissão do conto

Significados:

Categoria A: A reconstrução da memória do educador na sua relação com o conto popular

A memória é uma forma de conhecimento anterior à nossa existência, fruto de um passado distante, numa procura desenfreada pela sabedoria ancestral. Pode-se afirmar que as fontes do conhecimento da memória têm morada no nosso (in) consciente e que segundo Jung (2008) não se limita apenas ao armazenamento de conteúdos passados, mas contém um vasto universo de conteúdos e vivências passadas e futuras.

Os contos são para a criança um tempo de descoberta de si e do mundo que a rodeia – “Conta-me uma história!”- Quando os pais, avós, se rendem ao pedido ancestral da palavra conto, poeta sem saber, remete para a criança o diálogo pessoal (in) consciente, sem intervenção da razão.

Ed. Na verdade não...Apenas lembro, da minha mãe cantar...a música da Oliveirinha da Serra e do Bicho Papão. Bom...também a minha bisavó Mazé me cantava uma oração antes de dormir e que até hoje carrego comigo:

Entrevista Educadora Ana (Junho 2013)

Castro (2012) refere que os pais que passam aos seus filhos os saberes dos contos, estão a mergulhá-los na voz da literatura, e a fomentar neles o prazer das palavras faladas.

A criança não sabe porque tem medo, apenas sabe o que sente, memória de existência passada, o conto tal como ele é sem lhe ser retirado nenhum acontecimento, revela-se um auxiliador para que esse medo deixe de existir.

Oh Rute, pára! Tou com medo! Continuei a contar o conto no mesmo registo e não respondi ao Mateus.

Logo de seguida o Bernardo., agarra-se a ele dando-lhe um abraço diz: "não tenhas medo, o lobo mau não faz mal! É a Rute a fingir! Pois és Rute?!"

O Mateus pouco convencido, lá continuou a ouvir o conto e desta vez quando, no final, o caçador abriu a barriga do lobo tirando de lá o capuchinho e a avozinha o Mateus perguntou: E agora, Rute? O Lobo mau vai morrer, vai?

NC,nº7 (28/05/2013)

O conto popular sendo uma narrativa herdada da tradição oral, uma criação anónima mantida pela memória coletiva, para a sua transmissão necessita de um transmissor e nesse sentido é na figura do educador que essa herança toma forma. Corre no entanto o risco, de cair no esquecimento se não houver quem dele se aproprie, tal como refere a educadora Ana

na sua entrevista ao dar conta de que não tem por hábito contar contos populares orais, preferindo o recurso ao livro.

Ed. Na realidade, não é meu hábito contar contos populares, prefiro usar um livro quando conto uma história... Talvez porque me sinto mais à vontade com este objeto. Além disso não sei muitos contos populares, para os poder contar de viva voz... por isso o recurso ao livro é sempre uma ajuda necessária.

Entrevista à educadora Ana (junho de 2013)

Categoria B: A mediação do educador no conto popular a relação deste com as crianças de 2/3 anos.

As aprendizagens que são realizadas pelas crianças através dos contos vão contribuir para que a criança se desenvolva de uma forma sadia e equilibrada. Os contos trazem à tona os conflitos e angústias pelos quais as crianças estão a passar de uma forma que não lhes é dolorosa. São ainda um contributo para que a criança consiga encontrar uma solução positiva para os seus problemas e procura de respostas para as suas questões.

Bettelheim (2011) refere que os contos têm a grande preocupação de abordar as angústia e dilemas existentes vivenciados pelas crianças.

Chamo Guilherme para pintar. Gabriel diz: *Quero pintar o soldado sem perna da tua história!*

Gabriel passa por Guilherme para vir ter comigo, Guilherme empurra Gabriel e dá-lhe uma estalada. Gabriel olha para Guilherme e faz beicinho

–“Achas que o Soldadinho de Chumbo ficou contente quando o boneco lhe fez mal ao abrir a janela para que o soldado caísse? Da mesma maneira o Gabriel não ficou contente”. Gabriel estava em silêncio ao pé de mim. Eu perguntei a Guilherme o que se dizia ao Gabriel. Guilherme foi ter com o Gabriel deu-lhe um beijo e disse:

- Desculpa! Após o que se dirigiu para a área da biblioteca e sentou-se a ver o livro do soldadinho de chumbo.

NC,B, nº 10 (15/6/2013)

Para crescer e desenvolver-se de forma harmoniosa a criança precisa de se sentir amada e acarinhada. É através dos afetos alicerces do desenvolvimento da personalidade que o seu crescimento decorrerá de forma equilibrada. Os jogos e as canções da tradição popular permitem à criança exprimir-se livremente exteriorizando os seus sonhos e medos. A roda é uma ótima ocasião para as crianças mais tímidas interagirem com o grupo de pares sendo um recurso ao qual os educadores frequentemente recorrem para mediar as aprendizagens feitas pelas crianças.

Para Caillois (1975:86), as rodas “além do caráter de socialização criam a realização de movimentos de diferentes qualidades expressivas, além da percepção de diferentes ritmos e a noção de grupo”.

A roda é uma ótima ocasião para as crianças mais tímidas comunicarem com outras crianças, sendo a mesma, no entender do mesmo autor, “uma atividade de grande valor educativo (...) e se constitui num poderoso agente socializador.” (p. 87)

Neste momento de roda as crianças cantam e movimentam-se, no lugar, ao ritmo da música, como também conversam uns com os outros.

A Mariana canta a canção “Oliveirinha da Serra” ao mesmo tempo que ri: “-Ó Viveirinha da sera, o vento leva a fôr (...).Rapidamente a educadora aproveita o momento e começa ela a cantar a mesma canção fazendo gestos com as mãos como se fosse o vento a soprar a flôr. Todos iniciam o ato de imitar o que a educadora está a fazer, entre risos.

NC, B, n°6 (20/05/2013)

1.1. ENTRELAÇANDO OS SIGNIFICADOS...

É interessante notar que a Educadora aponta que o despertar de seu interesse (in) consciente pelo conto popular embora, este não se materializasse ao longo da sua vida, se deu na sua infância e está marcado pelas suas vivências com a sua bisavó, essa memória, vestida de carinho, vive com ela até ao presente. *Bom...também a minha bisavó Mazé me cantava uma oração antes de dormir e que até hoje carrego comigo.* Assim, pode dizer-se que na vida somos movidos pelo que sentimos. São os sentidos que nos impulsionam na busca de conhecimento que mais tarde, será executado com intencionalidade.

A Ana ia trabalhando os contos populares de uma forma que ela considerava espontânea a maior parte das vezes de uma forma muito espontânea, ou seja, por exemplo a partir de uma simples conversa chegava ao conto que julgava apropriado àquele momento.

Não sei se isto do espontâneo é uma característica ou um defeito meu (...) É claro que a partir do que surge tem que se estruturar alguma coisa com que continuar. E penso como será que vou fazer isto ou aquilo. O início pode parecer muito simples, mas é assim que eu geralmente faço. A maior parte das vezes é espontâneo.

Ana, B- 1ªentrevista, junho de 2013

No entanto, as primeiras observações feitas permitiram ver que essa espontaneidade era considerada por ela não ter um momento no dia em que o ‘horário’ contemplasse atividades ligadas ao conto. Outra razão observada, ainda, prendia-se com o fato da sua

memória de infância e da sua relação aos contos populares de tradição oral não produzirem influência na sua prática pedagógica. Lançava-as, em geral, no grande grupo mas deixava escapar as oportunidades que o trabalho interior feito pelo conto proporciona a cada criança.

Na Senda dos valores...

Nas crianças de 2/3 anos, ainda não estão definidas as razões que determinam os valores. Deste modo, é importante possibilitar às crianças contato com os contos pois segundo Traça (1992:105) ” A estrutura simbólica do conto (...) produz o efeito de transformar (...) a razão pela qual devem assumir determinadas atitudes com os colegas ou adultos, para que estas lhes façam sentido. As crianças precisam conhecer e perceber a sua verdadeira intenção ao praticarem um ato bom ou mau quando recorrem a uma personagem dos contos de fadas., tal como apresentado na nota de campo que se segue.

*Gabriel passa por Guilherme para vir ter comigo, Guilherme empurra Gabriel dá-lhe uma estalada. – “Sou o soldado sem perna que te vai castigar”! – diz. Gabriel olha para Guilherme e faz beicinho. Guilherme olha para mim, eu dirijo-me aos dois baixo-me e falo com ambos. Pergunto a Guilherme porque bateu no Gabriel. (...) – “Achas que o Soldadinho de Chumbo ficou contente quando o boneco lhe fez mal ao abrir a janela para que o soldado caísse? Da mesma maneira o Gabriel não ficou contente” (...) Guilherme foi ter com o Gabriel deu-lhe um beijo e disse:
- Desculpa! Após o que se dirigiu para a área da biblioteca e sentou-se a ver o livro do soldadinho de chumbo.*

NC,B,nº10 (22/04/2013)

A essência do conto é constituir um subterfúgio, um meio indireto de aprendizagem, (...) uma aprendizagem da vida, do mundo e das relações humanas. (Traça, 1992:165). Essas aprendizagens acontecem desde muito cedo e os contos populares surgem como facilitador da interiorização dos valores que cada criança faz.

Se na primeira nota de campo apresentada se pode observar que a criança recorreu a uma personagem do conto popular para resolver o seu problema, na nota de campo seguinte podemos observar o recurso também a uma personagem mas desta feita como elemento socializador.

*No recreio a Mariana (2 anos) está a subir o escorrega, mas não chega aos apoios, o Francisco (3 anos) aproxima-se e pega nela ao colo para que suba ao escorrega e a Mariana diz: “Não, põe-me no chão.”
O Francisco continua com ela ao colo e diz: “ Mariana é para conseguires chegar lá cima.”-“ Sou um príncipe que ajuda as meninas em apuros.*

NC,B,nº3 (11/06/2013)

O conto, canções de roda, lengas-lenga, como estratégia para motivar e impulsionar aprendizagens, valores, nas crianças desta faixa etária foi um dos aspectos que conjuntamente com a educadora foi trabalhado com as crianças da sala Rosa I.

Neste momento de roda as crianças cantam e movimentam-se, no lugar, ao ritmo da música, como também conversam uns com os outros.

A Mariana canta a canção “Oliveirinha da Serra” ao mesmo tempo que ri: “Ó Viveirinha da sera, o vento leva a fôr (...).

NC, B, nº 6 (20/05/2013)

De acordo com Rabinovich (2007) as rodas oriundas da tradição oral “além do caráter de socialização criam a realização de movimentos de diferentes qualidades expressivas, além da percepção de diferentes ritmos e a noção de grupo”. O mesmo autor refere ainda a este respeito que “A roda é uma ótima ocasião para as crianças mais tímidas comunicarem com outras crianças, sendo a mesma, no seu entender, “uma atividade de grande valor educativo (...) constituindo-se um poderoso agente socializador. (pp,86-87)

Atendendo sempre aos diferentes aspectos que decorrem neste período de desenvolvimento foi possível constatar como sendo uma preocupação da Educadora, proporcionar momentos onde algumas canções, lenga- lenga estivessem presentes na sua prática não obstante o seu pouco contato com este tipo de literatura.

Na realidade, não é meu hábito contar contos populares (...) No entanto reconheço a sua importância para o desenvolvimento da personalidade das crianças, acima de tudo nesta faixa etária onde os conflitos estão muito presentes e a personalidade está em formação. Por isso também recorro a cantigas em roda...

Entrevista à Educadora Ana, B, (junho de 2013)

A reconstrução da sua memória permite-lhe reconhecer a importância que os contos populares e a tradição oral ocupam na formação afetiva e social das crianças.

A importância que a educadora diz sentir em relação ao conto para o desenvolvimento da personalidade e dos valores na criança encontra eco nas palavras de (Bettelheim, 2011), pois para este autor ao reproduzirem aspectos do conto de fadas, apropriando-se das suas personagens, as crianças tentam resolver determinadas questões que, aparentemente, para si não ‘encaixavam’ no seu entendimento da existência do “outro”. Nesse sentido os contos são portadores de respostas afetivas e transmissoras de valores que ajudam a criança a formar a sua personalidade de uma forma segura e fundamentada.

1.1.1. REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS QUE SOLUCIONAM PROBLEMAS ...

O mundo exterior é animado e o mundo interior é materializado. E nesse sentido a criança não vê o mundo como o adulto. A ordem do mundo é experienciada segundo o modelo que lhe é apresentado. Ora, neste caso o modelo surge na figura do par.

O Mateus e o Bernardo, estavam sentados no tapete a ouvir a história O Capuchinho Vermelho contada por mim. Quando chega a parte do lobo mau comer a menina, o Mateus assustou-se com a minha expressão facial, dizendo.- Oh Rute, pára! Tou com medo! Continuei a contar o conto no mesmo registo e não respondi ao Mateus. Logo de seguida o Bernardo., agarra-se a ele dando-lhe um abraço diz: "não tenhas medo, o lobo mau não faz mal! É a Rute a fingir! Pois és Rute?!"

NC, B,nº7 (28/05/2013)

Uma criança não sabe porque tem medo, apenas sabe que o sente, neste sentido o conto tal como ele é, sem lhe ser retirado nenhum acontecimento, é um auxiliador para que esse medo deixe de existir.

A importância do contato da criança com o conto popular é evidente, pois cada criança, na sua subjetividade, atribui significados ao que ouve. Por outro lado, o contato com a literatura deve ser uma prioridade, desde a mais tenra infância, e promovido pelos adultos de referência da criança, os pais, avós, agentes educativos, que podem possibilitar à criança adentrar no mundo maravilhoso da memória do “Era uma vez...”

Neste dia a caixa surgiu como por magia. Assim durante a reunião no tapete perguntei se alguém sabia como a caixa tinha ido parar em cima da mesa de trabalho. Todos se mostraram surpresos e até um pouco desconfiados. –“É tua Rute! Pois é?”- Perguntou o Bernardo. “Não- respondi- Não é minha”. (...) Quando pegou na caixa, reparou que afinal era um livro grande, que estava todo velho- “tá tragado, Rute” e tentou abri-lo. Eu dei um salto e disse-lhe que já sabia o que era aquilo, que vinha do mundo das fadas...O Mateus olhou para mim franzido a sobrancelha esquerda e sentou-se ao meu lado (...) O conto iniciou-se com a fórmula inicial, “Há muito, muito tempo”(...)pediu-me para ver o ovo “malelo”, mas magicamente com tinha chegado, também como por magia o livro voltou para a terra das fadas.

NC, A, (5/06/2013).

O mundo dos contos populares sendo tão rico, tão variado permite a possibilidade de escolher o conto adequado, ao “ouvidor” certo, abrindo as portas para a imaginação e

criatividade. Traça (1992:113) elucida-nos bem quando afirma que a “educação estética pelo folclore afina a sensibilidade, que é inseparável da inteligência”.

Nesse sentido as crianças criadas sem a beleza da magia, crescem mais pobres espiritualmente, pois o prazer da descoberta, da alegria pela alegria presente nos contos alimenta o espírito de quem ouve.

Em jeito de conclusão, a presente análise de dados demonstra a convicção da educadora da importância da tradição oral na vertente do conto popular. É preciso admitir que só se consegue amar aquilo que se ama. Um conto pode apresentar todo um interesse do ponto de vista didático mas se não for sentido, rememorado, será que vale a pena contá-lo? A emoção que a reconstrução da memória carrega como pudemos ver na entrevista da Educadora, (...) *também a minha bisavó Mazé me cantava uma oração antes de dormir e que até hoje carrego comigo (...)* é a única que pode criar um verdadeiro clima de partilha entre o educador e as suas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizado que está este relatório, mais do que concluir, pretende-se refletir, articulando as informações obtidas, interpretando-as e devolvendo-as á memória.

Essa mesma reflexão foi gênese dos contos populares, mas leva-nos ainda a entender a importância que o contato com o outro, com o intuito de deixar registrado um conto que amanhã não será mais o mesmo, denota claramente o interesse e o relevo que todo este percurso, neste semestre, tem na vida de cada mestrando.

Sendo o docente alguém a quem a sociedade confia a tarefa de criar contextos de desenvolvimento que envolvam a criança na multiplicidade e interatividade, contextos de desenvolvimento humano que envolvam o educando na multiplicidade e interatividade é importante refletir sobre o Educador, como a intersecção do “eu” presente, com o “eu” passado, para daí advir “eu” idealizado. É esta combinação que lhe dá a personalidade e o distingue dos outros enquanto ser único e individual.

A sociedade em constante mutação, com alterações a vários níveis, nomeadamente social, político, económico, científico e tecnológico, provocando efeitos evidentes na vida das pessoas, necessita para a sua sobrevivência que a tradição oral se mantenha viva nas linguagens de uma escola. Escola, essa que educa uma sociedade, organizada e influenciada em termos de conhecimento, valores, crenças, concepções e fundamentalmente comportamentos, para que dessa forma, possamos confiar nas suas dimensões: cognitiva, afetiva, psicomotora, linguística, relacional, comunicacional, ética”.

E então, nesse retorno á memória, a nossa primeira pátria, a luz vence a escuridão, o Universo torna-se transparente, onde a matéria se transforma em permanente mutação, novas estrelas condensam-se a partir de nebulosas girando velozmente, nascendo vida, nasce o homem, átomos de hidrogénio, podemos dizer:

Do simples para o complexo - como se transmite a sabedoria do universo?

Do simples para o complexo - o que inventámos, desordenadamente, afetivamente

Do simples para o complexo - contemos as nossas histórias e estórias, dita em voz alta ela tornar-se-á verdadeira.

Do simples para o complexo - deuses, fadas, gnomos, magia, animais que falam, o feérico este que nos rodeia, o não explicado, o não pensado, apenas contado.

Do simples para o complexo - Perpetuar as memórias coletivas de um povo, valorizando a relação intergeracional,

Do simples para o complexo - A reconstrução da memória narrada pela voz Educador.

Dos objetivos delineados importa referir que antes de um estudo conclusivo, procurou-se analisar o percurso que une a memória à condição de ser criança. As vivências com o conto popular/oral que nos são possibilitadas na nossa infância, mais tarde, já em vida adulta rememoramos mesmo que (in) conscientemente o que fomos, o que seremos. Tentou-se identificar e refletir sobre a mediação exercida pelo educador na relação entre o conto popular e as crianças de 2/3 anos. E neste caso o educador poderia ser o elo de ligação entre a função pedagógica, cultural, e sociológica recorrendo a essa ferramenta única que são os contos.

Revela-se de extrema importância saber demonstrar aos mais novos, desde os primeiros tempos passados em ambiente escolar, o valor histórico e estético das tradições contempladas pela oralidade.

Estamos conscientes, todavia, que, se queremos ganhar legatários da tradição oral, temos de enveredar por um trabalho continuado e nesse sentido este trabalho não termina... um conto, um mito, uma fábula, não apaga outro, continua, acrescenta.

Há medida que o relatório ia sendo tecido, mais conhecimento adquiria e mais consciência de que esse conhecimento necessita de mais conhecimento para o acompanhar, os labirintos são insondáveis e cabe-me a mim apossar-me de uma atitude positiva, reflexiva e investigativa para desta forma continuar a crescer pessoal e profissionalmente.

Na base do desenvolvimento deste estudo estive a vontade de compreender se a reconstrução da memória do Educador, poderia influenciar a sua prática, tornando-a mais abrangente e consciente. Uma das limitações que lhe pode ser apontado, reporta-se à relação de grande amizade que une educadora e investigadora, fator este que pode não ter permitido o distanciamento e isenção necessários. No entanto houve a preocupação de que esta amizade não constituísse um entrave ao desenrolar do trabalho tentando descrever-se com a maior isenção possível os aspetos do estudo. Por outro lado, esta mesma amizade permitiu amizade permitiu-me sentir-me na “minha sala” na “minha prática” Outro constrangimento a apontar reside no pouco tempo existente para a realização deste trabalho.

Concluindo, cremos, assim, ter atingido os objetivos delineados para este relatório final. Por fim, resta-nos referenciar a aplicação prática, da qual nos alegamos, devido ao trabalho desenvolvido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bettelheim, B. (1998): *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Bogdan, R., BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bruner, J. (1998) (ed port). *O Processo da Educação*. Lisboa: edições 70, Ltd.
- Caillois, R. (1958). *Os Jogos e os Homens*. (José Palha, Trad.). Lisboa: Cotovia
- Castro, R. (2012). *A Intuição Leitora*. Lisboa: Ana Paula Faria- Ed Unipessoal.
- Delors, J. (coor.) (1996). *Educação Um Tesouro a Descobrir*. Coleção Perspectivas Actuais – Educação. Porto: Edições ASA.
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. (Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.
- Laville, C; J. Dionne. (1999). *A construção do saber - Manual de metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artmed
- Meireles, T (1998). *Contos e Lendas- Abordagem e Reflexão- 10ºano- 2ºvol*. Lisboa: Vega Escolar
- Natércio, A (2005). *Investigação naturalista em educação - Um guia prático e crítico*. Lisboa: Asa
- Nogueira, C. (2013) *Sátira e ironia na poesia de Manuel António Pina*. in Revista de Educação, Cultura e Comunicação do Curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, Vol 4, No 7. Lisboa, IELT, pp. 121-126.
- Piaget, J & Inhelder, B. (1979). *A Psicologia da Criança: do nascimento à adolescência*. Lisboa: Moraes Editores.
- Papalia, D.; S. Olds (1981). *O Mundo da Criança – da Infância à Adolescência*. São Paulo: Mcgraw-hill
- Parafita, A. (1999): *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Editora Plátano.

Parafita, A. (2001): “Tentativa de (re) definição do conceito de Literatura Infantil”. In: *Pedagogias do Imaginário – Olhares sobre a Literatura Infantil*. Vila Real: Edições Asa.

Pinho, A. (2008). *Avaliação do Desenvolvimento Pessoal e Social dos 0 aos 3 Anos*. Manuscrito não publicado, Universidade de Aveiro, Aveiro.

Portugal, G. Isabel Alarcão (coord.). Manuel Miguéns (dir.). (2009). *A Educação das Crianças dos 0 aos 12 Anos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação

Ramos, J.; B. Maria (1984). *Sinos do Universo- A evolução antes da Vida*. Lisboa: Difel Lda.

Reis, C. (coord.). (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa, Ministério da Educação.

Sanches, A. (1998). *Educação Pré-Escolar: Novas concepções de formação para contextos sociologicamente instáveis e pouco previsíveis*. Dissertação de mestrado. Universidade de Aveiro.

Sarmiento, T. (2009). *Contextos de vida e aprendizagem da profissão*. In João Formosinho (Coord.) (2009). *Formação de Professores – Aprendizagem Profissional e Ação Docente*. Porto: Porto Editora.

Silva, I. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*.

Departamento de Educação Básica. Lisboa, Ministério da Educação.

Sousa, A. (2009). *Investigação em educação*. (2ªed.) Lisboa: Livros Horizonte.

Tavares, J. & ALARCÃO, I. (2005). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Traça, E. (1992). *O Fio da Memória- Do Conto Popular ao Conto para Crianças*. Porto: Porto Editora.

Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande – A prática educativa de Ana*. (Ana Chaves, Trad.). Porto: Porto Editora

Vygotsky, L. (1991). *A Formação Social da Mente* (4ª Ed). São Paulo: Martins Fontes.

Wallon, H. (1975). *Psicologia e Educação da Infância*. Lisboa: Editorial Estampa.

WEBGRAFIA

<http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalho.htm>, consultado no dia 8 de junho de 2013

ANEXOS

Anexo 1 - Biografia: Educadora Ana

Ana Clara nasceu na Ordasqueira, uma aldeia do concelho de Torres Vedras, arredores de Lisboa- Portugal em Abril de 1981. Embora apenas diste cerca de 40km de Lisboa, a ladeia onde a Ana nasceu é caracteristicamente rural. Única rapariga de dois irmãos, até aos seis anos de idade, viveu e estudou na escola primária da sua aldeia. Por imposição do sistema vigente na altura ficou retida no 2º ano do ensino primário. A esse respeito diz o seguinte: (...), *repeti um ano quando frequentava o 2º ano. Foi difícil porque segundo a minha mãe, se todos os alunos daquela escola passassem, no ano seguinte a escola fecharia por falta de crianças.*

Nesta altura o único contato que rememora ter da tradição oral é feito através da sua avó materna que lhe costumava cantar algumas canções do tradicional popular, como “Oliveirinha da Serra” e o “ Bicho Papão”. Recorda-se ainda de uma oração que lhe dizia a sua bisavó antes de dormir. Essa memória, vestida de carinho, vive com ela até ao presente. Quando passou para o 5ºano começou a frequentar a escola preparatória de Torres Vedras onde conheceu novos colegas e fez novos amigos. Um desses amigos, uma rapariga de nome Andreia, costumava levar consigo livros entre os quais as aventuras de Tom Sawyer e que partilhava com ela. Durante a sua infância diz que não sentia especial interesse por contos populares ou ainda com a dita “literatura consagrada”. Apenas refere um leitura que fez e da qual se recorda até hoje: *Felizmente há Lua-* de Luis de Stau Monteiro. Mais tarde leu ainda *O Principezinho* de Exupéry no decorrer do seu percurso escolar.

Uma nova mudança aconteceu quando passou para o ensino secundário e novamente teve que mudar de escola. Desta feita foi para a escola Madeira Torres, pois a primeira opção de curso que fez foi o de Jornalismo e onde mais uma vez fez novos amigos e quando frequentava o 11ºano conheceu uma pessoa muito especial, começando a namorar às escondidas dos pais. Segundo a Ana Clara o seu namorado também não era um apreciador de literatura preferia faltar às aulas para namorar. (...) ” *Íamos para o parque da Várzea namorar (...).* A consequência desse namoro, segundo Ana Clara foi um valente chumbo o que a levou a considerar se aquele namoro seria o melhor para si. Quando estava a frequentar o 12º ano, nasceu a sua sobrinha, fazendo-a questionar se de fato a carreira de jornalista seria aquela que iria preencher a sua vida. Ao concorrer para a faculdade a sua primeira escolha manteve-se na área do Jornalismo mas a sua segunda opção foi na área da Educação. Nesta altura procurava comprar diversos livros, pois sentia, de alguma forma, que existia essa lacuna na sua vida.

Na faculdade acabou por seguir o coração e decidiu seguir o curso de Educação de Infância matriculando-se numa faculdade em Lisboa. A viagem diária tinha início às 6h30 e terminava por volta 20 horas, hora a que chegava a casa, levando-a a desesperar em alguns momentos menos bons do seu curso.

Três anos se passaram e quando se encontrava no último ano de estudos decidiu abdicar das suas férias de verão e começou a trabalhar como voluntária na Associação Popular de Monte Agraço com um grupo de crianças de cinco anos. Durante este ano de voluntariado e a par com a sua formação que ainda decorria, preocupou-se em pesquisar e ler sobre contos da tradição popular, como por exemplo, A Gata Borralheira, O Soldadinho de Chumbo, entre outros. Apesar do seu interesse estar virado para o tema do brinquedo em pré-escolar, conseguia aperceber-se da importância que ambos representavam para o desenvolvimento das crianças e por isso promovia sempre que possível momentos de magia entre o seu grupo e os contos que lia, pois e segundo ela, o fato de não ter tido na sua infância quem amiúde lhe contasse de viva voz contos de fadas ou de magia, sentia que era importante para si. Nesses momentos recorria ao suporte livro para prender os seus ouvintes, e se descontraír.

Pessoalmente, a Ana Clara vive atualmente uma fase de realização das suas aspirações pessoais, já que depois de ter terminado a sua formação conseguiu ficar colocada na Associação onde fazia voluntariado como Educadora titular da sala de cinco anos adquirindo autonomia financeira, responsabilizando-se pelo seu sustento, apesar de continuar a viver com os pais. Para a Ana, o início de sua vida adulta começou partilhando a sua vida com o namorado, culminando no seu casamento em 2011. Durante este período ainda houve tempo para o nascimento do seu filho em 2009 a quem dedica toda a sua força e alma. Hoje em dia, ela diz sentir-se adulta e feliz como mãe e profissional, porque para ela, a vida está apenas no início. Antes, afirma que era tratada e protegida como se fosse uma criança, pelos seus pais, e agora, avalia que está a viver o melhor momento da sua vida. Continua a trabalhar na mesma Associação que a viu chegar como voluntária, onde presentemente é Educadora de um grupo de crianças de 2/3 anos. Nesta escola, sente-se bastante realizada profissionalmente, pois conta com o apoio da direção e o reconhecimento dos pais dos alunos. A Ana destaca a sua admiração pelo irmão mais velho e o seu amor à sobrinha assim como a disponibilidade que este demonstra ter sempre para ajudar o próximo. Traça como algumas das suas características, o sentido de justiça e boa vontade. Além disso, considera-se uma pessoa bastante flexível e descontraída, o que ajuda na relação com os outros e com as crianças. A sua prática assenta na espontaneidade do momento, se num determinado momento é necessário desenvolver um tipo de atividade para alcançar um objetivo muito específico ou se

a disponibilidade das crianças assim o pede, avança, mesmo significando que não houve um planejamento breve. Como costuma afirmar: *Vou ao encontro daquilo que as crianças precisam naquele momento...*

Não obstante, a sua inexperiência como contadora da tradição, que reconhece ser uma falha, não a atrapalha na procura de novos conhecimentos, estudar, ler, enfim, aprimorar-se. Já se vai aventurando na arte da oralidade com alguns contos recolhidos pela sua colega de sala. Mesmo que a falta de prática lhe crie várias dúvidas em relação ao que deve fazer com as suas crianças e a forma como deve abordar determinados assuntos, conta com o apoio institucional para realizar o seu trabalho, tanto no sentido pedagógico, como em relação aos recursos materiais. Por isso, com o apoio da estagiária de educação que a acompanha desde há cinco anos, numa relação de cumplicidade e verdadeira amizade, procura conjuntamente avaliar as atividades que propõe e tenta reformula-las, a partir das suas referências e do apoio dos colegas profissionais.

Anexo 2 - GUIÃO DA 1ª ENTREVISTA FEITA À EDUCADORA DE INFÂNCIA

Objetivos: Perceber e identificar a ação educativa da Educadora Ana em função da sua reconstrução da memória e a sua posição face ao Conto Popular

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
I - Legitimação da Entrevista e Motivação da Entrevistada	1. Legitimar a entrevista e motivar a entrevistada	<ul style="list-style-type: none">• Informar sobre os objetivos e conteúdos do estudo a realizar.• Solicitar a colaboração da entrevistada<ul style="list-style-type: none">• Garantir o anonimato e a confidencialidade das suas opiniões• Assegurar informação sobre o resultado da investigação
II - Perceção do Percorso Profissional da Entrevistada	<ol style="list-style-type: none">1. Identificar o percurso de formação da entrevistada2. Identificar o seu tempo de serviço3. Identificar e caracterizar o seu atual local de trabalho	<p>Pedir informação à Educadora sobre:</p> <ul style="list-style-type: none">• O seu percurso de formação• O seu percurso profissional<ul style="list-style-type: none">• O seu tempo de serviço• Caracterização do seu local de trabalho• Caracterização das condicionantes desse local

Tabela 2 – Guião de Entrevista à Educadora

Anexo 3 - GUIÃO DA 2ª ENTREVISTA FEITA À EDUCADORA DE INFÂNCIA

Objetivos: Perceber e identificar a ação educativa da Educadora Ana em função da sua reconstrução da memória e a sua posição face ao Conto Popular

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
II – Perceção da Educadora face ao Conto Popular e seu trabalho em Creche	<ol style="list-style-type: none">1. Identificar a relação da Educadora com o conto popular2. Identificar a importância que a Educadora atribui à rememoração de histórias/ canções / lengas lenga da sua infância3. Identificar a importância que a Educadora lhes atribui face ao desenvolvimento das crianças de 2/3 anos4. Identificar o modo de trabalhar da Educadora neste domínio	<p>Dar voz à Educadora para que:</p> <ul style="list-style-type: none">• Fale sobre a sua relação com a Tradição Oral quer a nível pessoal quer a nível da sua prática com as crianças• Mencione a importância que atribui aos diferentes Contos Populares• Refira que contos são para ela essencial na perspectiva da Tradição oral<ul style="list-style-type: none">• Fale sobre a forma como aborda e trabalha os contos populares na sua sala de aula• Descreva algumas situações que a tenham feito pensar sobre esse mesmo trabalho• Diga o que pensa sobre a aquisição da linguagem nesta faixa etária

Anexo 4 - Transcrição da 1ª Entrevista à Educadora Ana Clara

8 de junho de 2013

Local da Entrevista: Sala Rosa I

Identificação da entrevista: Educadora Ana Clara

Código utilizado: E. Entrevistadora / ED. Educadora

E. Quero que me fales da tua infância. Como descreverias este período a nível escolar?

Ed. Como eu te contei no outro dia, tive uma infância normal/ feliz, nasci e cresci na Ordasqueira tal como sabes bem. Fiz o ensino primário na escola da aldeia. Do jardim-de-infância que frequentei a única memória que guardo é a de sempre que podia ir brincar na mercearia que tinha uma caixa registadora, a sério e o telefone era daqueles antigos, preto que tinha uma roda.

E. Estudaste na Ordasqueira?

Ed. Sim, até ao 4º ano, repeti um ano quando frequentava o 2º ano. Foi difícil porque segundo a minha mãe, se todos os alunos daquela escola passassem, no ano seguinte a escola fecharia por falta de crianças. Quando passei para o 5º ano fui estudar para Torres vedras- Escola Básica 23 de Gonçalo- até ao 9º ano, depois fui estudar para a Escola Secundária Madeira Torres.

E. És educadora há quantos anos?

Ed. Terminei o meu curso em 2005, por isso sou educadora há 8 anos.

E. Que Faculdade Frequentaste?

Ed. A ESEAG em Lisboa, que fica perto do Castelo...

E. Como te fizeste Educadora?

Ed. Bom...A verdade é que fazer o curso de educação não foi a minha primeira escolha. Antes disso e enquanto andava no secundário escolhi Jornalismo, entretanto chumbei no 11º ano...por causa do namoro...mas continuei ... Só quando a Ema nasceu é que comecei a pensar se queria mesmo seguir jornalismo, sabes?- Por fim quando me fui matricular em Jornalismo não tinha média para entrar e decidi escolher a minha segunda opção...educação. Se calhar se tivesse tido média talvez tivesse seguido...não sei... mas acredito que foi o destino e que eu tinha que ser educadora. Tinha que vir trabalhar para a Associação...primeiro vim como voluntária, depois como a educadora da sala lilás saiu tive a oportunidade de ficar e aceitei sem pestanejar...foi espontâneo, creio eu...tal como

E. Tiveste alguma experiência profissional anterior à de Educadora?

Ed. Sim. Trabalhei durante seis meses numa escola de condução como administrativa

E. Como vês a instituição onde trabalhas?

Ed. Existem, tal como tudo na vida, coisas boas e coisas a melhorar. Na relação com a comunidade, intercâmbio entre a comunidade e a escola, esses serão sempre aspetos a melhorar. Ao nível de colegas...sinto que somos uma família grande...mas tal como tudo...uns dias bons...outros...já se sabe.

E. Em relação à tua formação. Frequentas alguma ação de formação, vais a seminários, em suma, apostas na formação contínua?

Ed. Claro! Quando posso, vou a ações de formação...até porque é importante na nossa profissão que nos estejamos sempre a atualizar. Não faz sentido, não evoluir. De que outra forma eu poderia melhorar e atualizar os meus conhecimentos a não ser pelas ações de formação?

E. Consideras que a instituição onde trabalhas tem todos os recursos de que necessitas para trabalhar com as crianças?

Ed. Nem sempre a instituição dispõe dos recursos necessários para se conseguir desenvolver um bom trabalho com as crianças, por vezes tem que se improvisar...mas nada que não se resolva...

E. Dou por finda esta primeira entrevista e quero agradecer-te a tua boa vontade

Ed. Obrigada eu, é bom poder ajudar...

Anexo 5 - Transcrição da 2ª Entrevista à Educadora Ana Clara

25 de junho de 2013

Local da Entrevista: Sala Rosa I

E. Durante a tua infância, recordas da tua mãe ou a tua avó te contarem com frequência contos tradicionais?

Ed. *Na verdade não...Apenas, lembro, da minha mãe cantar...a música da Oliveirinha da Serra e do Bicho Papão. Bom...também a minha bisavó Mazé me cantava uma oração antes de dormir e que até hoje carrego comigo:*

*Anjo da guarda
minha companhia protege a minha alma
quer de noite quer de dia*

E. Na tua prática pedagógica quais os contos que mais utilizas, contos de autor ou contos da tradição popular?

Ed. *Na realidade, não é meu hábito contar contos populares, prefiro usar um livro quando conto uma história...Talvez porque me sinto mais á vontade com este objeto. Além disso não sei muitos contos populares, para os poder contar de viva voz...por isso o recurso ao livro é sempre uma ajuda necessária. No entanto reconheço a sua importância para o desenvolvimento da personalidade das crianças. Por isso também recorro a cantigas em roda...*

E. Costumas preparar o momento do conto com antecedência ou surge espontaneamente de acordo com a dinâmica do grupo?

Ed. *Não sei se isto do espontâneo é uma característica ou um defeito meu. É claro que a partir do que surge tem que se estruturar alguma coisa com que continuar. Tem que se planear a ação educativa, o que nem sempre faço. E penso como será que vou fazer isto ou aquilo. O início pode parecer muito simples, mas é assim que eu geralmente faço. A maior parte das vezes são espontâneas...na verdade, sigo um pouco a dinâmica do grupo.*

E. Por que razão o conto popular é importante para o desenvolvimento da criança?

Ed. *As histórias são muito importantes porque remetem as crianças para a fantasia, desenvolvem a imaginação e criatividade. Além de desenvolver a concentração, novo vocabulário e naturalmente novos conhecimentos do mundo. Na biblioteca da sala estão*

diversos livros de histórias (incluindo os meus livros) que as crianças podem ver sempre que quiserem.

E. Depois do conto, as crianças tentam reproduzir momentos da história nas suas brincadeiras?

Ed. É engraçado falares nisso, porque no outro dia, depois de teres contado a história da Cinderela aos meninos da sala lilás (5 anos) quando estivestes lá, apercebi-me que o Francisco, quando estava no parque connosco fez uma observação sobre ser um príncipe que ajuda as princesas (risos).

E. Com que regularidade consideras importante contar um conto em sala de aula?

Ed. Penso que o ato de contar contos não tem necessariamente que acontecer todos os dias mas com variedade de temas, onde esteja presente uma componente moral.

E, Quanto tempo pensas ser necessário para contar um conto?

Ed. Bom... O tempo varia, como sabes...Nesta faixa etária é importante que prendas a atenção deles e como o seu tempo de concentração ainda é muito pequeno, parece-me que o conto não deve ser longo, mesmo nos tradicionais que são longos devemos ter o cuidado de encurtá-los sem no entanto tirar o seu sentido.

E. Mais uma vez, obrigada pela disponibilidade e boa vontade em responderes às minhas questões.

Anexos 6 – Notas de Campo

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: O Rodrigo não quer fazer a sesta

Data: 12 /05/ 2013

Hora: 13h00

Local: Na sala Rosa I

Intervenientes: O Rodrigo e eu,

Sexo do Observado: masculino

Idade do Observado: 3 anos

Outros indicadores de Contexto: Durante o tempo de sesta

Descrição

As crianças na hora da sesta. Eu estou na sala, é a minha hora de almoço. Estou sentada na mesa a consultar um livro sobre contos populares.

Ouçõ alguém a falar e olho reparando que o Rodrigo está a falar comigo e que me diz “Rute `tás a ler o quê? Seguida, volta a dizer “É uma história boa? Conta a tua história! Enquanto o Rodrigo fala, estica a cabeça na direção do livro que estou a ler. “Esse é mau? Pergunta referindo-se a uma imagem que vê no livro. Não quero dormir!- acrescenta

Ao que eu explico, que não e sentando-me ao lado dele no catre leio em voz alta uma passagem do livro o Fio da Memória em que a autora fala sobre os contos serem “formas vivas”. Atento observa ainda antes de adormecer: A mãe Marta conta histórias ao Rodrigo antes de dormir! O lobo come a menina e a avozinha!“E tens medo de dormir depois da mãe Marta Contar a história?”- Perguntei-lhe. “Às vezes! Mas vou dormir na cama da mãe,- respondeu-me o Rodrigo.

Inferência

O Rodrigo sabe reconhecer que não é capaz de ler o que está escrito nos livros, então, pediu ajuda para a compreensão do que estava ver-me ler.

O Rodrigo sabe, por tentativa e erro, que pedindo ao adulto consegue o seu propósito (neste caso, a sesta estava difícil de acontecer) e através de um tema do qual gosta chama a sua atenção na procura de resposta aos seus medos.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

O Rodrigo é uma criança muito dócil e simpática. É uma criança que não procura o conflito e procura soluções para o que a amedronta. Considero pertinente referir que o Rodrigo tem três anos.

Esta situação permitiu-me compreender que o Rodrigo reconhece que quando não consegue adormecer pede ajuda ao adulto, neste caso, para lhe contar uma história.

Creio que nesta situação foi possível verificar a procura de soluções para algo que o afligia, neste caso, não querer fazer a sesta, além de que permitiu perceber que cada criança tem uma noção de si, do seus medos e dos outros embora de forma inconsciente pois ainda não consegue definir estas emoções.

É oportuno reforçar a ideia do Ministério da Educação (2007:54), de que o desenvolvimento da área de formação pessoal e social e, conseqüentemente, do desenvolvimento da identidade, “passa pelo reconhecimento das características individuais e pela compreensão das capacidades e limitações próprias de cada um, quaisquer que estas sejam.”

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo

2

Situação: Hora da sesta

Data: 15/05/2013

Hora: 12h 30m

Local: Sala Rosa I

Intervenientes: Mariana, Diogo e Estagiária (eu)

Sexo do Observado: Feminino

Idade do Observado: 3 anos

Outros Indicadores de Contexto: Esta situação aconteceu na hora da sesta das crianças, quando já todo o grupo estava preparado para dormir

Descrição

Inferência

Na hora do conto contei a história " Hensel e Gretel ", todo o grupo ficou muito atento ao desenrolar da narrativa. Como é meu hábito acompanho sempre o ato de contar com expressões faciais e tom de voz que me parecem apropriadas ao conto em questão.

Depois do almoço, como rotina diária o grupo dirigiu-se para a sala onde se prepararam para dormir a sesta.

Quando todos já estavam deitados e alguns mesmo a dormir, a Mariana, começou falar do pai, pelo que foi seguida na conversa pelo Diogo (irmão gémeo). Dirigi-me junto da criança e perguntei o que se passava, ao que a criança respondeu: - "Quero ir com o pai no popó!".

- "O papá foi trabalhar, nana!"- Disse o irmão. A Mariana a choramingar continuava: " Quero ir ao popó do pai"... Eu tentei acalma-la e disse-lhe que tal como na história de João e Maria o seu pai voltava no final da tarde para a ir buscar á escola e mesmo estando longe a trabalhar ia sempre gostar dela, nunca a deixaria só.

Depois de algum tempo que passei junto da Mariana a fazer-lhe festas nas costas, ela acabou por adormecer...

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A Mariana é uma menina muito agarrado ao pai. Normalmente sente mais dificuldade em se despedir deste na chegada á sala. (o pai costuma trazer os dois irmãos pela manhã)

Os contos populares mostram pais que trabalham enquanto os filhos apanham lenha, vão buscar água(neste caso a escola funciona como o local de "trabalho" das crianças. Além disto, o conto oferece soluções e a criança é capaz de interiorizar sentimentos mediante o seu nível de compreensão, ou seja o conto fala a linguagem da criança.

Bettelheim(2001) explica que Hense e Gretel comem a casinha de chocolate por terem um complexo de desmame mal resolvido.

A Mariana apesar de normalmente não ser uma criança muito atenta no momento em que estamos a contar um conto, ao longo do conto esteve particularmente sossegada. Será que foi por ter ouvido a história que fala de dois irmãs que ficam perdidos na floresta que a Mariana sentiu naquele momento mais saudades do seu pai? Terá a Mariana de alguma forma ter-se identificado com a Gretel e por isso a sua reação na hora da sesta?

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: Momento de Roda

Data: 20 /5/ 2013

Hora: 10h30

Local: Sala Rosa I

Intervenientes: O Grupo, a Educadora e eu, enquanto estagiária

Sexo do Observado:

Idade do Observado: 2/3 anos

Outros indicadores de Contexto: Sentados em roda

Descrição

Neste momento de roda as crianças cantam e movimentam-se, no lugar, ao ritmo da música, como também conversam uns com os outros.

A Mariana canta a canção “Oliveirinha da Serra” ao mesmo tempo que ri: “-Ó Viveirinha da sera, o vento leva a fôr (...).Rapidamente a educadora aproveita o momento e começa ela a cantar a mesma canção fazendo gestos com as mãos como se fosse o vento a soprar a flôr. Todos iniciam o ato de imitar o que a educadora está a fazer, entre risos.

Inferência

A roda é uma ótima ocasião para as crianças mais tímidas comunicarem com outras crianças, Para além deste momento específico de roda, o educador deve proporcionar às suas crianças outros momentos semelhantes, que incentivem o espírito de grupo e a relação entre pares munidos de um instrumento essencial. Música da tradição oral

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Para Rabinovich (2007:86), as rodas “além do caráter de socialização criam a realização de movimentos de diferentes qualidades expressivas, além da perceção de diferentes ritmos e a noção de grupo”.

A roda é uma ótima ocasião para as crianças mais tímidas comunicarem com outras crianças, sendo a mesma, no entender do mesmo autor, “uma atividade de grande valor educativo (...) e se constitui num poderoso agente socializador.” (p. 87)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo

7

Situação: Conto O Capuchinho Vermelho

Data: 28/5/2013

Hora: 10h

Local: Sala Rosa I

Intervenientes: Mateus, Bernardo, e estagiária (eu)

Sexo do Observado: Masculino

Idade do Observado: 3 anos

Outros Indicadores de Contexto: Esta situação aconteceu no tempo de tapete, enquanto eu estava a contar o conto popular.

Descrição

Inferência

O Mateus e o Bernardo, estavam sentados no tapete a ouvir a história O Capuchinho Vermelho contada por mim. Quando chega a parte do lobo mau comer a menina, o Mateus assustou-se com a minha expressão facial, dizendo.- Oh Rute, pára! Tou com medo! Continuei a contar o conto no mesmo registo e não respondi ao Mateus. Logo de seguida o Bernardo., agarra-se a ele dando-lhe um abraço diz: "não tenhas medo, o lobo mau não faz mal! É a Rute a fingir! Pois és Rute?!"

O Mateus pouco convencido, lá continuou a ouvir o conto e desta vez quando, no final, o caçador abriu a barriga do lobo tirando de lá o capuchinho e a avozinha o Mateus perguntou: E agora, Rute? O Lobo mau vai morrer, vai?

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Nesta faixa etária as crianças revelam muitos medos, medos de peronagens ditas assustadoras como a bruxa, o lobo... Ao iniciar um conto com a forma proverbial Há muito muito tempo... a resposta aos medos é dada logo no seu início. Esta forma, segundo Bettelheim (2011) "mostra claramente que a história se situa num nível muito diferente da «realidade» de todos os dias»" (p. 184). (...), a criança estabelece com o conto uma relação próxima e familiarizada tem a capacidade de "alargar o seu espírito os «tempos que já lá vão», para que estes signifiquem «na terra da fantasia» (Bettelheim, 2011, p: 184).

Será que eu devia ter interrompido o conto no momento que o Mateus se mostrou assustado? Ou será que deveria ter-lhe explicado que era fantasia? Que o Lobo não existia? Em relação ao Bernardo e á sua intervenção qual importancia de serem os pares os agentes transquilizadores numa situação de medo?

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: A Caixa Misteriosa

Data: 5-06-2013

Hora: 10.30h

Local: Sala Rosa I

Intervenientes: Grupo de crianças, Mateus, e estagiária.

Sexo do Observado: masculino

Idade do Observado: 2/3 anos

Outros indicadores de Contexto: Eu, enquanto estagiária do curso de educação e decorrente das aulas de literatura popular, levei para a sala um objeto pedagógico apresentado á turma no âmbito da Unidade Curricular

Descrição

Inferência

Neste dia a caixa surgiu como por magia. Assim durante a reunião no tapete perguntei se alguém sabia como a caixa tinha ido parar em cima da mesa de trabalho. Todos se mostraram surpresos e até um pouco desconfiados. –“É tua Rute! Pois é?”- Perguntou o Bernardo. “Não- respondi- Não é minha”. Depois de muita discussão sem que ninguém soubesse de quem era afinal a caixa, pedi ao Mateus para a ir buscar com jeitinho e a pousasse no chão junto de mim. Quando pegou na caixa, reparou que afinal era um livro grande, que estava todo velho- “tá tragado, Rute” e tentou abri-lo. Eu dei um salto e disse-lhe que já sabia o que era aquilo, que vinha do mundo das fadas...O Mateus olhou para mim franzido a sobrancelha esquerda e sentou-se ao meu lado. O restante grupo estava em “pulgas “ para saber o que vinha aí, Depois de os acalmar dei então início ao conto da galinha dos ovos de ouro, e magicamente ia retirando do interior do livro, o ovo, as penas, e até uma pequena galinha plástica “presa por um feitiço”. O conto iniciou-se com a fórmula inicial, “Há muito, muito tempo”...

Durante o ato de contar, fui olhando para o Mateus e o seu olhar colado á minha expressão facial, ia também ele recriando com o rosto todos os trejeitos que eu ia dando a cada personagem.

No final do conto veio ter comigo e pediu-me para ver o ovo “malelo”, mas magicamente com tinha chegado, também como por magia o livro voltou para a terra das fadas. Expliquei-lhe que sempre que ele o quisesse, juntos chamaríamos as fadas para nos trazerem o livro com outras histórias. – “ E com coisas”...Disse-me do alto dos seus 3 anos.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

O mundo dos contos populares sendo tão rico, tão variado permite a possibilidade de escolher o conto adequado, ao “ouvidor” certo, abrindo as portas para a imaginação e criatividade. Traça (1992:113) elucida-nos bem quando afirma que a “educação estética pelo folclore afina a sensibilidade, que é inseparável da inteligência”.

Nesse sentido as crianças criadas sem a beleza da magia, crescem mais pobres espiritualmente, pois o prazer da descoberta, da alegria pela alegria presente nos contos alimenta o espírito de quem ouve.

A simples aparição de um objeto que não pertence à sala e de que ninguém sabe a quem pertence revelou-se um momento de verdadeira magia.

Por que causa sempre tanta motivação as expressões vocais e faciais quando associadas a um conto nas crianças desta faixa etária?

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

10

Situação: Pintura de espuma (Soldadinho de Chumbo)

Data: 15 /06/2013

Hora: 10.30h

Local: Sala Rosa I

Intervenientes: Guilherme, Bernardo; Gabriel e estagiária

Sexo do Observado: Masculino

Idade do Observado: 28 meses

Outros indicadores de Contexto: Esta atividade já tinha sido iniciada as crianças já tinham visto a preparação da atividade: água, tinta azul, detergente. Palhinhas sopra e muita espuma.

Descrição

Inferência

A seguir à fruta coloquei o tabuleiro da experiência em cima da mesa., Guilherme Gabriel e Bernardo vieram observar juntos á mesa.

Chamo Guilherme para pintar. Gabriel diz: *Quero pintar o soldado sem perna da tua história!*

Gabriel passa por Guilherme para vir ter comigo, Guilherme empurra Gabriel e dá-lhe uma estalada. Gabriel olha para Guilherme e faz beicinho. Guilherme olha para mim, eu dirijo-me aos dois baixo-me e falo com ambos. Pergunto a Guilherme porque bateu no Gabriel. Expliquei que eu tinha chamado Gabriel para pintar primeiro mas que todos os meninos iriam pintar com as bolinhas azuis. E que ele assim não estava a saber esperar a sua vez. Guilherme abanou a cabeça a dizer que sim e olhar para o chão. “- Mas eu quero pintar o meu soldado!”. – “Achas que o Soldadinho de Chumbo ficou contente quando o boneco lhe fez mal ao abrir a janela para que o soldado caísse? Da mesma maneira o Gabriel não ficou contente”. Gabriel estava em silêncio ao pé de mim. Eu perguntei a Guilherme o que se dizia ao Gabriel. Guilherme foi ter com o Gabriel deu-lhe um beijo e disse:

- Desculpa! Após o que se dirigiu para a área da biblioteca e sentou-se a ver o livro do soldadinho de chumbo.

- O conflito que surge é benéfico ou deverá ser evitado pelo educador?

Como já tinha ouvido contar a história do Soldadinho de chumbo, será que na ansia de o representar, a sua ação foi influenciada por isso uma vez que costuma este ser um dos livros da sua preferência.

- Por que causa sempre tanta motivação as experiências plásticas associadas a um conto nas crianças desta faixa etária?

Ao promover o diálogo levantando hipóteses que favorecessem a reflexão e a implicação de cada um nesse processo usando como analogia o personagem do conto, ajudei o Guilherme a resolver o conflito?

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

O conto popular vai ser um axiliador na resolução de problemas e ao mesmo tempo ajuda as crianças a saberem relacionar-se com o outro.

O conhecimento e controle progressivo do seu corpo e das suas emoções, são um processo que acompanha a criança desde o seu nascimento, sendo o corpo a grande ferramenta de que as crianças dispõem para a sua aprendizagem sendo por isso importante “contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (Silva, 1997: 79). Considerando que, segundo Vygotsky (1991), os saberes constroem-se na relação social com os pares e com os adultos e, que o papel do professor é o de “suporte na construção do conhecimento das crianças” (Mesquita-Pires, 2007:54), é dever deste “proporcionar às crianças experiências várias e ajudá-las a pensar sobre as experiências através do uso de questões que suscitem a reflexão” (idem:61).